

MARX E ENGELS E O CONCEITO DE PARTIDO*

Monty Johnstone

1967[†]

I

O conceito de um partido proletário ocupa uma posição central no pensamento e na atividade políticos de Marx e Engels. “Contra o poder coletivo das classes proprietárias”, argumentam, “a classe trabalhadora não pode agir enquanto classe senão constituindo-se ela mesma em um partido político distinto de, e oposto a, todos os velhos partidos formados a partir das classes proprietárias.” Isso era “indispensável, a fim de assegurar o triunfo da revolução social, e o seu fim último, a abolição das classes.”¹ Mesmo assim, em lugar nenhum os autores do *Manifesto do Partido Comunista* aventam de forma sistemática uma teoria do partido proletário, sua natureza e suas características, em nada que vá além do que o aventam para classe social ou para o Estado, para ambos dos quais [o partido] está intimamente relacionado. Além disso, no interior da ampla estrutura geral da teoria deles da luta de classes e da revolução, aprimoram suas ideias a respeito das formas e funções dos partidos proletários conforme estes se apresentam e os relacionam com suas análises de situações históricas, por vezes, bastante diferentes. Não tramaram

*Tradução de Luca Paggiarin Flores.

[†] *The Socialist Register*, vol. 4 (1967), pp. 121-158.

¹ Resolução relativa aos **Estatutos Gerais** (adotados no **Congresso de Haia da Associação Internacional dos Trabalhadores**, em Setembro de 1872, retomando a **IX Resolução** da Conferência de Londres da Internacional em Setembro de 1871 redigida por Marx e Engels), presente em *The International Herald* (Londres), nº 37, 14 de Dezembro de 1872. Esta tradução do original em francês é usada aqui preferencialmente àquela presente nas *Selected Works* (S.W., Moscou, 1950) de K. Marx e F. Engels, t. I, p. 325, da qual difere possivelmente de forma significativa, pois Engels se refere especificamente a ela para esclarecer uma má interpretação do sentido desta resolução. (F. Engels, *The Manchester Foreign Section To All Sections and Members of the British Federation*, em K. Marx e F. Engels, *On Britain*, Moscou, 1962, p. 500). É também usada por Marx como texto em inglês da resolução em uma carta enviada a H. Jung no final de Julho de 1872 com a frase “constituindo-se. . . classes proprietárias” e as palavras “a abolição das classes” sublinhadas (K. Marx/F. Engels, *Werke*, a partir daqui, citada como *Werke*, Berlim, 1966, t. 33, p. 507). [Nota editorial da “Avante!”: A *Conferência de Londres* da I Internacional teve lugar entre 17 e 23 de Setembro de 1871. Foi convocada sob o clima de repressão brutal que se abateu sobre os membros da Internacional após a queda da Comuna de Paris, e o número de participantes foi bastante restrito: 22 delegados com voto deliberativo e 10 com voto consultivo. Os países que não puderam enviar delegados seus foram representados pelos secretários correspondentes do Conselho Geral. Marx representava a Alemanha, Engels a Itália. A questão da ação política da classe operária foi o principal tema dos trabalhos da Conferência de Londres e foi analisada em todos os aspectos nos discursos de Marx e Engels. A Conferência aprovou a resolução “Sobre a Ação Política da Classe Operária”, cuja parte principal foi, por decisão do Congresso da Haia, incluída nos Estatutos Gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores. Várias resoluções da Conferência visavam os bakuninistas, que tentavam cindir a Internacional. (N.T.)]

de antemão nenhum “plano” para a criação de um partido proletário revolucionário para o qual sua obra teórica subsequente marchasse;² e em momento algum eles por si mesmos fundaram um partido político. Já no início de 1844, vindo a enxergar teoricamente o proletariado enquanto a força dirigente pela emancipação social,³ viriam a se basear em organizações existentes criadas pelas seções avançadas daquela classe e a condenar como sectarismo qualquer tentativa de impor do exterior formas organizacionais pré concebidas ao movimento da classe operária. No âmbito da construção partidária, Marx poderia ter dito como o fez **Molière** sobre o enredo de suas peças: “Je prends mon bien où je le trouve.”*

Apesar de serem membros e líderes de organizações partidárias por apenas alguns anos,⁴ Marx e Engels dedicaram soma considerável de tempo, particularmente nos estágios finais de suas vidas, a aconselhar partidos operários de vários países em seus programas e desenvolvimento, vendo a si mesmos detentores de “um status especial como representantes do Socialismo *internacional*”⁵ e [representantes] do “aparato geral do Partido”.⁶ Quando examinamos a totalidade dessas atividades partidárias e visões de partidos espalhadas por mais de meio século, somos confrontados com uma variedade e complexidade consideráveis envolvendo, à primeira vista, uma miríade de contradições. Ademais, nossa dificuldade é aumentada pelo fato de que, durante o tempo de vida de Marx e Engels, a completa noção de partido político estava para se desenvolver e se alterar em torno das formas de atividades possíveis a um;⁷ e, como veremos, eles viriam a usar o termo em vários sentidos diferentes, sem defini-los. Portanto, se faz bem possível passar por cima do todo de seus escritos, e assim recortar seletivamente dentre suas atividades apoios às mais opostas versões de suas posições.

Um entendimento das ideias de partido proletário de Marx e Engels só é possível se elas foram postas, em cada caso, nos seus contextos históricos e semânticos amplamente variados. É o que tentarei fazer ao examinar os principais “modelos” de partido em suas obras, cada qual correspondendo a um estágio, ou estágios, no desenvolvimento do movimento da classe trabalhadora em dado período ou em dados países. Esses modelos eu considero como: (a) a pequena organização internacional de quadros [*cadres*] comunistas (a Liga dos Comunistas — 1847-52); (b) o “partido” sem uma organização (durante o refluxo do movimento trabalhista — anos 1850 início dos anos 1860); (c) a ampla federação internacional de organizações dos trabalhadores (a Primeira Internacional — 1864-72); (d) o partido Marxista de massas nacional (Social Democracia Alemã — anos 1870, 1880 e início dos anos 1890); (e) o amplo partido trabalhista nacional (Grã-Bretanha e Estados Unidos — anos 1880 e início dos anos 1890) baseado no modelo cartista. Optei por

²cf. M. I. Mikhailov, *Voznikovenie Marksizma. Bor’ba Marksa i Engel’sa za Sozdanie Revoliutsionnoy Proletarskoy Partii* (Moscou, 1956), p. 15, onde, sem oferecer qualquer evidência, o autor afirma que Marx e Engels procederam a partir de um tal “plano”.

³Ver, especialmente K. Marx, *Introduction* para *The Critique of Hegel’s Philosophy of Right*, em T. B. Bottomore, Ed., K. Marx, *Early Writings* (Londres, 1963), pp. 58-9.

*Em uma tradução selvagem: “eu cato o que há de bom, onde eu encontrar”. [N.T.]

⁴Apenas entre 1847 e 1852 Marx e Engels foram membros de uma organização política como tal — a **Liga dos Comunistas** — ainda que, de 1864 (e, efetivamente, a partir de 1870 no caso de Engels) até 1872 eles tiveram papel central na **Associação Internacional dos Trabalhadores** (a Primeira Internacional).

⁵F. Engels a E. Bernstein, 27 Fevereiro — 1 de Março de 1883, K. Marx. e F. Engels, *Selected Correspondence* (Moscou, n.d. — 1956?), a partir daqui referida apenas como Sel. Cor. (Moscou), p. 432.

⁶F. Engels a A. Bebel, 11 de Dezembro de 1884, *ibid.*, p. 457.

⁷Ver, e.g. M. Duverger, *Political Parties* (Londres, 1954), pp. xxii–xxx; U. Cerroni, “Per una teoria del partito politico”, em *Critica Marxista* (Roma, 1963), t. I, 5-6, pp. 18 ff.

examinar juntas as visões de Marx e Engels pois ambos estavam fundamentalmente de acordo sobre todas as questões discutidas aqui; e ao longo de um período importante, mantendo uma divisão de trabalho combinada entre eles, Engels lidou em nome de ambos com pedidos de todo o mundo por aconselhamento político, continuando e estendendo esse trabalho até a era da Segunda Internacional após a morte de Marx.

II

Após constatarem estar em concordância com alguns dos princípios básicos do Marxismo em 1844-45, Marx e Engels viriam a embarcar numa colaboração vitalícia envolvendo o posterior desenvolvimento de suas visões teóricas e a tentativa de “ganhar o proletariado europeu — e, antes do mais, o alemão”.⁸ A partir do início de 1846, sediados em Bruxelas, iniciaram a organização de Comitês de Correspondência Comunista, notavelmente na Bélgica, França e Alemanha. Estes deviam tratar de assuntos internos do que Engels viria a chamar de “o Partido Comunista em processo de formação”⁹; ainda que, neste período, tanto ele quanto Marx falavam do “Partido Comunista” e do “nosso partido”¹⁰ mais no sentido tradicional de uma *société de pensée** – apesar de, com eles, isso ser visto como a expressão dos interesses de uma classe – do que de uma organização política minimamente próxima ao significado moderno do termo. Entre aqueles que receberam os circulares e panfletos litografados confeccionados em Bruxelas estavam os líderes da **Liga dos Justos** – uma pequena sociedade secreta, formada em 1836, consistindo sobretudo de artesãos alemães – que naqueles anos havia particularmente se preocupado em criar e trabalhar em associações educacionais dos trabalhadores. Nesta organização Marx e Engels ingressaram a convite dos líderes, que indicaram estar convencidos da correção geral de suas visões e concordaram com a estipulação de que as velhas formas conspiracionais vinculadas ao passado blanquista da organização deveriam ser descartadas.¹¹ Em um congresso no verão de 1847, foi reorganizada como a **Liga dos Comunistas**, dando-a objetivos oficialmente comunistas ao adotar novos estatutos em um segundo congresso realizado no fim do ano. Uma nova e minuciosa constituição democrática determinava que os congressos anuais eram “a autoridade legislativa da Liga” e habilitava eleições, prestação de contas e revogação a qualquer momento pelos delegados de todos os comitês integrantes.¹² Foi como um “programa detalhado, teórico e prático,” da Liga¹³ que Marx

⁸F. Engels, *On the History of the Communist League, S.W.*, t. II, p. 312. [F. Engels, *Para a História da Liga dos Comunistas*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, t. III, p. 192-212.]

⁹*Ibid.* p. 313.

¹⁰Ver, e.g. K. Marx/F. Engels, *The German Ideology, Marx/Engels Gesamtausgabe* (M.E.G.A.)(Moscou-Leningrado, 1933), I, 5, pp. 31 e 437 [K. Marx e F. Engels, *A Ideologia Alemã*, Boitempo Editorial, 1ª edição, II, p. 439.]; K. Marx a P.V. Annenkov, 28 de Dezembro de 1846, K.Marx e F. Engels, *Selected Correspondence* (Londres, 1943), p. 18 [*Carta a Pavel V. Annenkov*, 28 de Dezembro de 1846, K.Marx, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, t. I, p. 560-570]; K. Marx/F. Engels, *Circular against Kriege, Werke*(Berlim, 1959), 4, p. 3.

*Em tradução literal: sociedade de pensamento.[N.T.]

¹¹F. Engels, *op. cit.*, pp. 307, 313-4; K. Marx, *Herr Vogt, Werke* (Berlim, 1961), 14, pp. 438-9; H. Förder, *Marx und Engels am Vorabend der Revolution* (Berlim, 1960), pp. 128-135. Para uma versão diferente mas não totalmente confiável, ver D. Riazanov *Introduction à édition de The Communist Manifesto of K. Marx and F. Engels* (Londres, 1930), pp. 14-20.

¹²*Rules and Constitution of the Communist League*, em D. Riazanov, Ed., *op. cit.*, pp. 340-345, esp. p. 342.

¹³K. Marx/F. Engels, prefácio para a edição alemã de *Manifesto of the Communist Party*, referido a partir daqui por *Manifesto, S.W.*, I, p. 21. [K. Marx e F. Engels, **Prefácio à edição alemã de 1872** do

e Engels foram incumbidos de escrever seu famoso *Manifesto do Partido Comunista*.

A Liga dos Comunistas foi uma associação internacional de trabalhadores de vários países da Europa Ocidental, na qual os alemães predominaram e prestaram especial atenção à Alemanha.¹⁴ Embora vista por Marx e Engels “pelo menos em tempos de paz” como “puramente uma sociedade propagandística”,¹⁵ a Liga foi forçada pelas condições da época a operar como uma sociedade secreta durante a maior parte dos seus cinco anos de existência. Em suas origens estavam, escreve Engels em 1892, “duas correntes independentes”: de um lado “um movimento puramente de trabalhadores” e, de outro, “um movimento teórico, originado da desintegração da filosofia hegeliana”, predominantemente associada a Marx. “O *Manifesto Comunista* de 1848,” fala, “marca a fusão de ambas as correntes”.¹⁶

No *Manifesto* estão postos alguns dos ingredientes básicos da concepção de partido de Marx e Engels. Coloca à frente a reivindicação dos comunistas de liderança da classe trabalhadora em virtude da sua consciência teórica superior, algo pertencente à essência desta concepção. Previamente, em sua polêmica com Proudhon no ano anterior, Marx havia descrito socialistas e comunistas como “os teóricos da classe proletária”.¹⁷ Agora ele e Engels apresentavam os comunistas como a vanguarda teórica da classe que “não proclamam quaisquer interesses distintos e separados daqueles do proletariado como um todo” e que não “estabelece quaisquer princípios sectários¹⁸ próprios, aos quais almeja talhar e moldar o movimento proletário”. Distinguiam-se de “outros partidos da classe trabalhadora” apenas no que diz respeito às lutas nacionais em que “apontavam e traziam a tona os interesses comuns de todo o proletariado, independente de nacionalidade” e que, nos vários estágios da luta contra a burguesia, “sempre, e em todo lugar, representavam os interesses do movimento como um todo”. Em sua prática eles eram “a seção mais resoluta e avançada dos partidos da classe trabalhadora de cada país, que empurra adiante todas as outras”, enquanto, em sua teoria, tinham “sobre a grande massa do proletariado a vantagem de entender claramente a linha de ação, as condições e os fins últimos gerais do movimento proletário”,¹⁹ concebido como “o movimento autoconsciente e independente da imensa maioria em proveito da imensa maioria”.²⁰

Quando Marx e Engels falam da “organização dos operários em classe e, consequentemente, em partido político”²¹ no *Manifesto*, claramente têm em mente o modelo inglês descrito por Marx em *A Miséria da Filosofia* no ano anterior. Ele mostra nesta obra como, em suas lutas – primeiro em *trade unions*²² e em seguida constituindo-se também em “um grande partido político sob o nome de *cartistas*”²³ – a massa de trabalhadores

Manifesto Comunista, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 71.]

¹⁴ *Manifesto*, S.W., I, p. 61. [*Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 69.]

¹⁵ F. Engels, *History*, S.W., II, p. 315 [F. Engels, *Para a História da Liga dos Comunistas*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, t. III, p. 192-212.]; K. Marx, *Herr Vogt*, *op. cit.*, p. 440.

¹⁶ F. Engels, *Socialism in Germany*, *Werke* (Berlim, 1963), 22, p. 248.

¹⁷ F. Engels, *Socialism in Germany*, *Werke* (Berlim, 1963), 22, p. 248.

¹⁸ O texto original em alemão usa “*besondern*”, com significado de “especial”, mas na edição inglesa de 1888, revisada por F. Engels, opta por “sectário”.

¹⁹ *Manifesto*, p. 44. [*Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 51.]

²⁰ *Ibid.*, p. 42. [*Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 50.]

²¹ *Ibid.*, p. 41. Ver discussões da concepção de partido de Marx e Engels nesse contexto em H. Förder, *op. cit.*, pp. 290-291.

²² K. Marx, *op. cit.*, p. 194. cf. K. Marx, *Political Indifferentism*, *Werke* (Berlim, 1962), 18, p.304: “The trade unions... organize the working class into a class.” [“As *trade unions*... organizam a classe trabalhadora em uma classe.” (*trade unions*: entidades de massa, sindicatos) N.T.]

²³ K. Marx, *The Poverty of Philosophy*, *op. cit.*, p. 194. [K. Marx, *A Miséria da Filosofia*, Global

se desenvolveu, de uma amorfa, fragmentada e potencial classe em si (*an sich*), em uma madura classe para si (*für sich*) nacional engajada por necessidade na luta política.^{23a}

No estágio primitivo de organização e desenvolvimento da classe trabalhadora no continente, à época com a Liga dos Comunistas enquanto uma minúscula organização de quadros (*cadres*) com 200-300 membros²⁴ espalhados pela Europa Ocidental, o Manifesto indicava que “os Comunistas não formam um partido à parte, oposto a outros partidos operários.”²⁵ De fato,²⁶ havia apenas um partido operário organizado em escala nacional nesta época, os cartistas, no qual os comunistas britânicos **Julian Harney** e **Ernest Jones** tomavam parte como líderes da ala esquerda.²⁷ Em outros países, os membros da Liga se juntariam a partidos como os sociais democratas franceses de **Ledru-Rollin** e **Louis Blanqui**,²⁸ descrito por Marx como “uma coalizão entre trabalhadores e pequeno-burgueses”.²⁹ Na revolução alemã de 1848 se uniram ao partido democrata, “o partido da pequena burguesia”,³⁰ cuja ala mais avançada eles formaram³¹ até a primavera de 1849. Enquanto que a forma dessas táticas era ditada pelas circunstâncias da época, elas contêm um elemento comum a todos os modelos de partido em questão: evitar isolamentos sectários e encontrar campos de ação onde os comunistas podem tascar “o ouvido da classe trabalhadora.”³²

Deve ficar claro do exposto acima que a Liga dos Comunistas, uma sociedade secreta internacional composta por “apenas um pequeno núcleo”³³ de militantes, não pode ser descrita como um partido político no sentido usual no qual esse termo era mais usado à época e é aplicado no próprio *Manifesto* às largas organizações nacionais onde os comunistas deveriam atuar. Como argumenta E. P. Kandel, soviético estudioso em Marx, em um dos, lamentavelmente, poucos livros publicados sobre a Liga, Marx e Engels enxergavam a Liga apenas como “o gérmen, o núcleo” do partido, apesar do fato de terem chamado

Editora, 1985, p. 158.]

^{23a}*Ibid.*, p. 195. [K. Marx, *A Miséria da Filosofia*, Global Editora, 1985, p. 159.]

²⁴L. I. Gol'man, *Voznikovenie Marksizma. Bor'ba Marksa i Engel'sa za Sozdanie Revoliutsionnoy Proletarskoy Partii* (Moscou, 1962), p. 70.

²⁵*Manifesto*, p. 44. [*Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 51.]

²⁶Ver *ibid.* p. 60, onde também é feita referência aos reformadores agrários na América do Norte. [*Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 68.] Apesar de que estes últimos formaram mais uma agitação de fazendeiros do que um partido de trabalhadores. (Ver D.Riazanov, Ed., *op. cit.*, pp. 242-245).

²⁷A filiação de Harney e Jones à Liga dos Comunistas é indicada em uma carta de K. Marx a F. Engels datada por volta de 12 de Março de 1848, da qual o excerto relevante consta em J. Saville, *Ernest Jones: Chartist* (Londres, 1952), p. 231. Ver também A. R. Schoyen, *The Chartist Challenge* (Londres, 1958), pp. 142-3, 158-9.

²⁸*Manifesto*, p. 60. [*Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 68.]

²⁹K. Marx, *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*, *S.W.*, I, p. 249. [K. Marx, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, Boitempo Editorial, 2011, 1ª edição, p. 62.] Essa citação e a passagem na qual é encontrada faz alguma troça da afirmação insubstanciada do Sr. Robert Conquest (*Marxism Today*, Ampersand Books, Londres, 1964, p. 42) de que “é estritamente contrário às doutrinas (de Marx)... acreditar que um partido pode representar a ambos o proletariado e outra classe.” [“it is strictly contrary to (Marx's) doctrines . . . to believe that a party can represent both the proletariat and another class.”]

³⁰K. Marx / F. Engels, *Address of the Central Committee to the Communist League (March 1850)*, citado a partir daqui como *March Address*, *S.W.*, I, p. 98. [K. Marx e F. Engels, *Mensagem da Direção Central à Liga dos Comunistas (Março de 1850)*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, t. I, pp. 199-209.]

³¹F. Engels a F. Kelley Wischnewetsky, 27 de Janeiro de 1887, *Sel. Cor.* (Londres), p. 455.

³²*Ibid.*, p. 455.

³³F. Engels, *Marx and the Neue Rheinische Zeitung (1848-1849)*, *S.W.*, II, p. 297. [F. Engels, *Marx e a “Neue Rheinische Zeitung” (1848-1849)*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 182-191.]

seu programa de *Manifesto do Partido Comunista*³⁴. As circunstâncias da época, escreve, “não proviam chances para a Liga dos Comunistas se tornar um partido real”.³⁵ Uma rápida olhada no papel da Liga na revolução de 1848-49 o confirmará.

Ao retornar para a Alemanha na primavera de 1848 após o começo da revolução, Marx e Engels foram à Colônia junto da maioria dos membros da Liga então residentes no exterior. Depois de darem início aos trabalhos da Direção Central da Liga a partir dali, eles concentraram, ao que parece, todos seus esforços, desde meados de Maio, na produção da *Nova Gazeta Renana* (*Neue Rheinische Zeitung*). Sob a editoria de Marx, este famoso periódico radical, cujo primeiro número aparece em 1º de Junho, encampava por uma luta decidida a carregar até o fim as tarefas democráticas desta revolução burguesa democrática. Vendo as grandes dificuldades da Liga em emitir diretivas aos seus dispersos apoiadores, Marx e Engels concluíram que “tais diretivas eram... muito melhor disseminadas através da imprensa”.³⁶ Em anos recentes, uma amarga controvérsia emergiu entre Boris Nicolaevsky, o velho menchevique falecido nos EUA em 1966, e E. P. Kandel acerca da alegada dissolução da Liga no verão de 1848.³⁷ Se, de fato, Marx usou poderes discricionários especiais – concedidos a ele no início da revolução – para dissolver a Liga em Junho de 1848, como defende Nicolaevsky baseado no depoimento de prisão de P. G. Röser,³⁸ um dos sentenciados nos julgamentos de Colônia dos líderes da Liga em 1852;³⁹ ou se, na verdade, como argumenta Kandel, a “alta estima dada por Marx e Engels ao papel da Liga por todo o período de 1847-52”⁴⁰ – que nunca se referiram a uma dissolução em suas ponderações a respeito das atividades da Liga⁴¹ – contradiz a possibilidade de tal dissolução ocorrer. Talvez nunca saberemos com certeza. A menos que pesquisas adicionais tragam novos documentos à tona, precisaremos nos decidir acerca do que é mais provável. Não há, no entanto, lugar para disputa sobre o

³⁴E. P. Kandel, *Marks i Engel's — Organizatory Soyuza Kommunistov* (Moscou, 1953), p. 264.

³⁵*Ibid.*, p. 264. G. Winkler, do Instituto de Marxismo-Leninismo, Berlim, atacou essa conclusão como “surpreendente” (“surprising”) na sua resenha do livro de Kandel na *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft* (Berlim, 1954) II, 4, p. 542, argumentando que o congresso de Junho de 1847 da Liga essencialmente concluiu sua transformação em partido proletário (p. 545). Esta é a linha de raciocínio que tem sido mais aceita pelos historiadores da República Democrática Alemã (ver *Grundriss der Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, Berlim, 1963, p. 42) ainda que a nova história oficial (W. Ulbricht e outros, Ed., *Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, Berlim, 1966, I, p. 66) inclua ressalvas.

³⁶F. Engels, *On the History of the Communist League*, *op. cit.*, p. 318. [F. Engels, *Para a História da Liga dos Comunistas*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, t. III, p. 192-212.]

³⁷Ver B. Nicolaevsky, “Toward a History of ‘The Communist League’, 1847-1852”, em *International Review of Social History* (Amsterdã, 1956), I, 2, pp. 234-245, esp. 237, 244; E. P. Kandel, “Iskazhenie istorii bor'by Marksa i Engel'sa za proletarskuyu partiyu v rabotakh nekotorykh pravyykh sotsialistov”, em *Voprosy Istorii* (Moscou), 1958, No. 5, pp. 120 ff; B. I. Nicolaevsky, “Who is Distorting History?” em *Proceedings of the American Philosophical Society* (Filadélfia), Vol. 105, No. 2, April 1961, pp. 209-236; E. P. Kandel, “Eine schlechte Verteidigung einer schlechten Sache”, em *Beiträge zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung* daqui para frente *Beiträge*, (Berlim, 1963), V., 2, pp. 290-303.

³⁸O texto completo deste depoimento, introduzido pelo falecido Dr. W. Blumenberg, se encontra impresso na *International Review of Social History (I.R.S.H.)*, (Amsterdã, 1964), IX, 1, pp. 81-122. Ver esp. pp. 88-9, 96.

³⁹Até a primavera de 1849, Röser ainda não tinha se juntado à Liga dos Comunistas (*Ibid.*, p. 90). Sua evidência sobre a alegada dissolução em 1848 é, portanto, necessariamente apresentada em segunda mão. (*Ibid.*, pp. 88-9, 96.)

⁴⁰*Voprosy Istorii*, *op. cit.*, p. 124.

⁴¹Nicolaevsky errou ao afirmar que a *Mensagem à Liga (Março de 1850)* (*March Address of 1850*) “criticou... em particular a decisão de dissolver a Liga” [“criticised... in particular the decisions to dissolve the League”] (B. Nicolaevsky e O. Maenchen-Helfen, *Karl Marx: Man and Fighter*, Londres, 1936, p.206) pois nenhuma menção de tal dissolução é feita ali!

fato de que “as poucas centenas de membros da Liga sumiram em meio a enorme massa subitamente lançada ao movimento”,⁴² com testemunho subsequente de Engels. Kandel aceita que a Direção Central em Colônia cessou seu funcionamento no verão de 1848 e foi (ao final de Agosto ou Setembro, ele agora estima) dissolvida e seus poderes transferidos para a Direção Distrital em Londres.⁴³ Ademais, historiadores soviéticos aceitam como “verossímil” (“credible”) as considerações de Röser de um encontro entre Marx e **Joseph Moll**⁴⁴ – mandado pela nova Direção Central em Londres até a Alemanha para reorganizar a Liga⁴⁵ – em que ele participou na primavera de 1849. De acordo com Röser, Marx “declarou que a Liga era supérflua, dadas as liberdades de discurso e de imprensa existentes.”⁴⁶

Infelizmente, numerosos historiadores do marxismo contemporâneo acharam necessário interpretar estas táticas em termos de um posterior, e *a fortiori* leninista, conceito marxiano do partido. Logo, eles argumentam que “a equipe editorial da Nova Gazeta Renana era o centro político de liderança do partido proletário na Alemanha, da Liga dos Comunistas”,⁴⁷ “o verdadeiro aparato geral do partido proletário”,⁴⁸ no qual “agora repousava, na prática, as tarefas da Direção Central da Liga dos Comunistas”.⁴⁹ Nas ponderações escritas por Marx e Engels nas décadas de 1860 e 1880 acerca da história da Liga e da Nova Gazeta Renana não se acham tais formulações anacrônicas. E, no que diz respeito a essa questão, nem em **Lênin** – um ávido estudioso da história do marxismo – que escrevia em 1905: “Foi apenas em Abril de 1849, após quase um ano de circulação do periódico revolucionário. . . que Marx e Engels declararam-se a favor de uma organização especial dos operários! Até ali eles vinham meramente operando um ‘órgão da democracia’ desvinculado de qualquer laço organizacional com um partido operário independente. Este fato, monstruoso e incrível para os olhos de hoje, nos mostra claramente a enorme diferença entre o partido operário alemão daqueles dias e o atual Partido Operário Social-Democrata Russo.”⁵⁰

O Abril de 1849, como indica Lênin na passagem citada, estava para ver uma importante mudança na estratégia revolucionária de Marx e Engels. Marx e outros comunistas deram uma declaração anunciando sua renúncia ao Comitê Distrital da Renânia das Associações Democráticas e encorajando “uma união mais próxima de associações de operários” da qual um congresso nacional foi planejado.⁵¹ Eles parecem ter concluído que os operários alemães tinham, então, desenvolvido experiência política o suficiente para que o congresso fosse uma proposta prática a ser trabalhada por um partido da ampla

⁴²F. Engels, *Marx and the N.Rh.Z.*, *op. cit.*, p. 299.

⁴³*Beiträge*, *op. cit.*, p. 303.

⁴⁴Ver, e.g. E. P. Kandel, Ed., *Marx und Engels und die ersten proletarischen Revolutionäre* (Berlim, 1965), pp. 105, 502 (n.60). Os excertos relevantes do depoimento de Röser constam em E. P. Kandel e S. Z. Leviova, Ed., *Soyuz Kommunistov: sbornik dokumentov*, (Moscou, 1964), pp. 218-224.

⁴⁵Uma referência positiva é feita a esta ação da Direção Central em Londres em *March Address*, *op. cit.*, p. 99. [*Mensagem à Liga (Março de 1850)*] na qual põe a visita de Moll “no inverno de 1848-49” em contraste com Röser colocando-a “na primavera de 1849” (*I.R.S.H.*, *op. cit.*, p. 89).

⁴⁶*I.R.S.H.*, *op. cit.*, p. 90.

⁴⁷E. P. Kandel, *Beiträge*, *op. cit.*, p. 299.

⁴⁸S. Z. Leviova sobre a Nova Gazeta Renana, em A. I. Malysh e O. K. Senekina, Ed., *Iz istorii formirovaniya i razvitiya Marksizma* (Moscou, 1959), p. 255.

⁴⁹W. Ulbricht e outros, Ed., *op. cit.*, pp. 117-8.

⁵⁰V. I. Lenin, *Two Tactics of Social Democracy*, em sua *Selected Works* (Moscou, 1936), III, pp. 131-2. [V. I. Lênine, *Dois Tácticas da Social-Democracia na Revolução Democrática, Obras Escolhidas em Três Tomos*, 1977, Edições Avante! - Lisboa, Edições Progresso - Moscou, t. I, pp. 465-74.]

⁵¹*Werke*, (Berlim, 1959), 6, pp. 426, 584.

massa operária baseado nas associações operárias e independente da “indecisão, fraqueza e covardia”⁵² dos democratas pequeno-burgueses. No entanto, era tarde demais para esses planos saírem do papel. O surto da insurreição no sul e no oeste da Alemanha (Reichsverfassungskampagne) estava para iniciar logo em seguida, e sua derrota em meados de Julho marcou o fim da revolução alemã.

A maioria da velha liderança da Liga juntou-se novamente no outono de 1849 durante exílio em Londres, onde a Direção Central foi reconstituída e procedeu a reorganizar a Liga na Alemanha – e, por necessidade, como uma sociedade secreta. Na suposição de que “uma nova revolução é iminente”,⁵³ Marx e Engels lavraram a famosa *Mensagem da Direção Central à Liga dos Comunistas* (Março de 1850).⁵⁴ Na qual se assinala que, apesar da presença individual dos membros da liga na vanguarda da disputa, a “antes firme organização da Liga foi enfraquecida consideravelmente” nos dois anos de revolução. Enquanto o partido democrata se organizava mais e mais na Alemanha, “o partido operário” (pelo qual, aqui, eles devem querer dizer ou o movimento trabalhista como um todo ou o interesse geral do proletariado enquanto classe) “perdeu seu único ponto de apoio” (pelo qual se quer dizer a Liga dos Comunistas).⁵⁵ A conclusão a ser tirada como o *leitmotif* das 11 páginas da *Mensagem à Liga* é que: “É preciso pôr um fim ao atual estado de coisas, a independência dos operários precisa ser restaurada”,⁵⁶ e eles [os operários] não podem se permitir serem arrastados para dentro de um vasto partido de oposição que abraça matizes quaisquer de opinião democrática.⁵⁷ “Os operários, e acima de tudo a Liga,” eles escrevem, “precisam se esforçar em estabelecer uma organização independente, secreta e pública do partido operário”.⁵⁸ A Liga formaria claramente a organização secreta e suas ramificações deveriam tornar-se “o ponto central e o núcleo das associações operárias, nas quais a atitude e os interesses do proletariado serão discutidos independentemente das influências burguesas”.⁵⁹ Estas associações operárias, difundidas por toda a Alemanha, – normalmente de caráter social, cultural e educacional – providenciariam a grossa base de massas e de organização pública deste partido operário independente que viria a ser criado. Após a aguardada revolução democrática, os trabalhadores devem disputar as eleições para uma assembleia nacional com seus próprios candidatos independentes, que consistam “o máximo possível de membros da Liga”.⁶⁰

Eduard Bernstein inaugurou a moda – agora seguida, entre outros, pelo Sr. George

⁵²F. Engels, *Germany: Revolution and Counter-Revolution* (Londres, 1936), p. 48 [F. Engels, *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, em *A revolução antes da revolução* v.1, 2.ed., Editora Expressão Popular, 2010, p. 213]. Ver, e.g. G. Becker, *Karl Marx und Friedrich Engels in Köln, 1848-1849* (Berlim, 1963), pp. 234-256.

⁵³*March Address, op. cit.*, p. 99. [*Mensagem à Liga (Março de 1850)*]

⁵⁴*Ibid.*, pp. 98-108.

⁵⁵*Ibid.*, p. 98.

⁵⁶*Ibid.*, p. 99.

⁵⁷*Ibid.*, p. 102, cf. *Address of Central Committee to the League, June 1850, Werke* (Berlim, 1960), 7, pp. 308-9: “O partido operário pode muito bem se usar de outros partidos e de frações partidárias para seus fins, mas não deve subordinar-se a nenhum outro partido.” [“*The workers’ party can possibly very well use other parties and fractions of parties for its ends, but it should not subordinate itself to any other party.*”]

⁵⁸*Ibid.*, p. 103.

⁵⁹*Ibid.*, p. 103, cf. *June Address, op. cit.*, p. 310; M. I. Mikhailow, em I. S. Galkin, Ed., *Aus der Geschichte des Kampfes von Marx und Engels für die proletarische Partei* (Berlim, 1961), pp. 132-3.

⁶⁰*March Address, op. cit.*, p. 105. [*Mensagem à Liga (Março de 1850)*]

Lichtheim⁶¹ e pelo professor **Bertram Wolfe**⁶² – de qualificar a *Mensagem à Liga* como “blanquista”.⁶³ Embora o conceito de partido e revolução esteja certamente longe de ser blanquista no sentido normalmente aceito do termo, ainda que haja, de fato, pontos de convergência com as táticas de Blanqui em 1848 – as quais eram atípicas de várias maneiras⁶⁴ – e com as formas de luta previstas pelos emigrados **blanquistas** para a revolução vindoura, com os quais Marx e Engels travaram um efêmero acordo em 1850.⁶⁵ O que a *Mensagem* deixa bem claro é que o que se enseja não é um *putsch* levado a cabo por uma elite revolucionária, mas sim a organização do mais vastamente enraizado partido operário, que marchará na próxima revolução junto dos democratas pequeno-burgueses, aos quais ajudará a chegar ao poder e, então, fazer avançar ao máximo incursões na propriedade capitalista.⁶⁶ No “ânimo revolucionário que os operários devem manter vivo tanto quanto o possível”,⁶⁷ “é preciso que eles se organizem independentemente enquanto uma guarda proletária” com comandantes e funcionários eleitos por eles próprios.⁶⁸ É significativo, como nota o Dr. Rudolf Schlesinger, que a *Mensagem*, então confidencial, não sugere que estes destacamentos devessem ser subordinados ao controle comunista, ao invés, indica que eles deveriam “colocar a si próprios no comando... dos conselhos comunitários revolucionários” consolidados pelos operários.⁶⁹ A *Mensagem* reconhece que os operários alemães precisariam passar por um “longo desenvolvimento revolucionário” antes deles mesmos tomarem o poder, e ressalta a necessidade de eles “terem claro em suas mentes quais são os seus interesses de classe”,⁷⁰ além da óbvia implicação de que a Liga deveria funcionar como uma sociedade propagandística.

Ao final do verão de 1850, quando Marx conclui que o capitalismo europeu havia entrado em um período de prosperidade e de que não haveria nenhuma nova revolução no período por vir, ele é encarado com objeções por parte de membros de uma importante seção da Liga encabeçada por **Willich** e **Schapper**. Ao combater o voluntarismo destes membros, Marx diz que, ao invés de estudar as reais condições, eles haviam feito da “vontade, apenas, a força motriz da revolução”.^{70a} Em Londres, a Liga se dividiu em torno deste assunto e a Direção Central foi transferida de volta para Colônia onde funcionou por um tempo até seus membros serem presos e sentenciados por uma corte em Novembro de 1852. Logo após, a Liga foi dissolvida em Londres, mediante proposta de Marx, e a sua “continuação no continente declarada não ser mais oportuna”.⁷¹

⁶¹G. Lichtheim, *Marxism* (Londres, 1961), pp. 124-5.

⁶²B. D. Wolfe, *Marxism* (Londres, 1967), pp. 153-4, 157, 163.

⁶³E. Bernstein, *Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokraten* (Stuttgart, 1899), p. 29.

⁶⁴Ver, e.g. A. B. Spitzer, *The Revolutionary Theories of L. A. Blanqui* (Nova Iorque, 1957), p. 9; S. Moore, *Three Tactics: the Background in Marx* (Nova Iorque, 1963), p. 22.

⁶⁵Ver D. Riazanov, *Zur Frage des Verhältnisses von Marx zu Blanqui*, em *Unter dem Banner des Marxismus*, II, 1/2 (Berlim-Viena, 1928), pp. 140-145.

⁶⁶*March Address, op. cit.*, pp. 101, 107. [*Mensagem à Liga (Março de 1850)*]

⁶⁷*Ibid.*, p. 103.

⁶⁸*Ibid.*, p. 104.

⁶⁹*Ibid.*, p. 104; R. Schlesinger, *Marx: His Time and Ours* (Londres, 1950), p. 270.

⁷⁰*March Address, op. cit.*, p. 108. [*Mensagem à Liga (Março de 1850)*]

^{70a}K. Marx, *Revelations on the Communist Trial in Cologne, Werke* (Berlim, 1960), 8, p. 412.

⁷¹K. Marx a F. Engels, 19 de Novembro de 1852, *Werke*, (Berlim, 1963), 28, p. 195.

III

Após a divisão da Liga dos Comunistas no outono de 1850, e mesmo antes da sua dissolução formal dois anos depois, Marx e Engels começaram a retirar-se a um “autêntico isolamento”,⁷² preferindo a “posição do escritor independente” àquela do “dito partido revolucionário”.⁷³ O alívio expresso por Marx a Engels em 11 de Fevereiro de 1851 quanto ao fim do “sistema de concessões mútuas, de inadequações suportadas pelo bem das aparências”,⁷⁴ foi correspondido pela alegria de Engels dois dias depois, pois, dali em diante, eles seriam responsáveis apenas por si próprios.⁷⁵ “De que modo pessoas como nós, que fogem de posições oficiais como se fossem uma praga, se encaixam em um ‘partido’?” vocifera. “O que há de bom para nós, que cuspimos para popularidade . . . em um ‘partido’, i. e. um bando de asnos que se juraram a nós pois nos tomam ao feitio deles?”⁷⁶ Palavras fortes – mas seria errado, como diz Franz Mehring, levar muito a sério as expressões usadas de fato,⁷⁷ e totalmente indefensável as divorciar do real contexto e arguir, como fez Bertram Wolfe, que elas representassem suas reais opiniões privadas sobre o partido, confrontando-as com as declarações feitas trinta e quarenta anos mais tarde (algumas das quais ele cita) “escritas para os olhos de outrem”.⁷⁸ Elas [as expressões] refletem as frustrações do primeiro período de dificuldades no exílio após a derrota da revolução e o reconhecimento de que nenhuma nova viria em breve. E representam as reações ao lidar com as “questões mesquinhas”⁷⁹ da emigração,⁸⁰ da qual estavam abdicando em favor do retorno aos estudos, interrompidos desde 1848, na esperança de obter, acima de tudo na esfera da economia política, “uma vitória científica para o nosso partido”.⁸¹

Entretanto, o que era esse “partido” do qual eles continuavam a falar depois da dissolução da Liga dos Comunistas em 1852, em um período que, como escreveu Marx ao poeta Freiligrath em 1860, ele “*nunca* mais pertenceu... a nenhuma sociedade *secreta* ou *pública*”,⁸² e considerava que seus “trabalhos teóricos eram mais valiosos à classe operária do que a participação em associações cujos dias no continente se haviam encerrado”?⁸³ O que temos aqui não é um partido no sentido normal que Engels vinha usando quando apontou, em Dezembro de 1852, que “nenhum partido político pode existir sem uma organização”,⁸⁴ mas sim, em primeira instância, um retorno daquele termo que os vimos fazendo uso nos anos 40 para designar Marx e o pequeno bando que compartilhava de suas visões mais básicas – aos quais os informes da polícia prussiana, assim como os apoiadores

⁷²K. Marx a F. Engels, 11 de Fevereiro de 1851, *Werke* (Berlim, 1963), 27, p. 184.

⁷³F. Engels a K. Marx, 12 de Fevereiro de 1851, *ibid.*, p. 186.

⁷⁴K. Marx a F. Engels, 11 de Fevereiro de 1851, *ibid.*, p. 185.

⁷⁵F. Engels a K. Marx, 13 de Fevereiro de 1851, *ibid.*, p. 189.

⁷⁶*Ibid.*, p. 190.

⁷⁷F. Mehring, Karl Marx (Londres, 1936), p. 209.

⁷⁸Wolfe, *op. cit.*, p. 196.

⁷⁹K. Marx a J. Weydemeyer, 1 de Fevereiro de 1859, em K. Marx/F. Engels, *Letters to Americans, 1848-1895*, a partir daqui referido como *L.A.* (Nova Iorque, 1963), p. 61.

⁸⁰Ver M. Dommanget, *Les Idées d'Auguste Blanqui* (Paris, 1957), p. 355.

⁸¹K. Marx a J. Weydemeyer, *L.A.*, p. 62.

⁸²K. Marx a F. Freiligrath, 29 de Fevereiro de 1860, *Sel. Cor.* (Moscou), p. 146. Itálicos originais.

⁸³*Ibid.*, p. 147.

⁸⁴F. Engels, *Germany: Revolution and Counter-Revolution, op. cit.*, p. 114. [F. Engels, *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, em *A revolução antes da revolução* v.1, 2.ed., Editora Expressão Popular, 2010, p. 301]

de Marx naquele período, se referiam como o “partido Marx”.⁸⁵ Já em Março de 1853, passados nem 4 meses da dissolução da Liga, Marx escrevia a Engels: “Definitivamente precisamos recomeçar os recrutamentos para o nosso partido”, pois os partidários citados por ele, apesar das qualidades, somados não resultam em um partido.⁸⁶ Eles almejavam arranjar um grupo – “a nossa clique”, como Engels chama, jocosamente, este grupo em carta a Weydemeyer em 1853⁸⁷ – para prepararem a si próprios, pelo estudo, para as lutas revolucionárias que, para eles, seguramente estavam postas à frente.⁸⁸ Marx estava ansioso para coordenar as atividades públicas dos membros deste “embrio-partido”, como Wilhelm Liebknecht viria a chamar posteriormente.⁸⁹ Em 1859, quando Lassale publicou um panfleto sobre a guerra italiana daquele ano expressando um ponto de vista do qual discordavam, Marx escreve a Engels criticando o fato deste errático camarada não ter procurado se informar da opinião deles sobre o assunto previamente. “Nós precisamos insistir na disciplina partidária ou tudo cairá por terra”, acrescenta.⁹⁰

Marx, no entanto, também falava do “nosso partido” num sentido mais transcendental, como quando, na carta a Freiligrath de 1860 já citada, ele contrapôs ao partido no “sentido efêmero” – o qual na forma da Liga dos Comunistas tinha, segundo ele, “deixado de existir para mim oito anos atrás”⁹¹ – “o partido no seu grandioso sentido histórico”.⁹² A Liga dos Comunistas, tal como a *Société des Saisons** de Blanqui e outras centenas de associações, “foi apenas um dos episódios na história do Partido, que brota espontaneamente do solo da sociedade moderna por toda parte”.⁹³ Para Marx o partido neste sentido era a materialização da sua concepção da “missão” da classe operária,⁹⁴ concentrando em si mesmo “os interesses revolucionários da sociedade”⁹⁵ a fim de “cumprir as tarefas históricas que surgiram automaticamente” a partir das condições gerais de existência [da sociedade].⁹⁶ Foi também neste sentido que Marx entendeu o termo “partido” quando reportou-se a

⁸⁵F. Mehring, *op. cit.*, pp. 218-220; F. Engels a J. Weydemeyer, 12 de Abril de 1853, *L.A.*, p. 58.

⁸⁶K. Marx a F. Engels, 10 de Março de 1853, *Werke*, 28, p. 224.

⁸⁷F. Engels a J. Weydemeyer, 12 de Abril de 1853, *ibid.*, p. 576. (Esta parte da carta não consta na *L. A.*)

⁸⁸Ver, e.g. *ibid.*, p. 581, onde Engels tece ácidos comentários a respeito daqueles que pensam não ser necessário “ralar para valer” [to “*swot*”], afinal era trabalho do “papai Marx” [“*der père Marx*”] saber de tudo! Inclusive, há relatos de W. Liebknecht (ver *Karl Marx: Biographical Memoirs*, Chicago, 1901, p. 85) sobre Marx “dirigindo” seu “partido” [“*driving*” e “*party*”, que aqui aparece com duplo sentido, “trupe”, como em “Marx e sua trupe”] todos os dias para a sala de leitura do Museu Britânico.

⁸⁹W. Liebknecht, *Karl Marx zum Gedächtnis* (Nurembergue, 1896), p. 113.

⁹⁰K. Marx a F. Engels, 15 de Maio de 1859, *Werke* (Berlim, 1963), 29, p. 432.

⁹¹*Sel. Cor.* (Moscou), p. 146.

⁹²*Werke* (Berlim, 1964), 30, p. 495. (Essa parte da carta não está incluída na versão inglesa das *Sel. Cor.*)

*Sobre a *Société des Saisons*, traz o MIA: “A tradução para português literal poderia soar imprecisa, por isso foi preservado o nome original em francês. *La Société des Saisons* foi uma organização republicana secreta, com fins revolucionários que visava derrubar a monarquia de Julho. Fundada por A. Blanqui, A. Barbès e M. Bernard, a organização existiu entre 1837 e 1839. Seus membros eram em sua maioria operários e artesãos, atingindo mais de 1.000 participantes em 1830. Após a revolta de 12 e 13 de Maio de 1839 a sociedade acabou.” Fonte: Auguste Blanqui, *Textes Choisis, avec preface at notes par V.P. Volguine*, Editions Sociales, Paris 1971; disponível em <https://www.marxists.org/reference/archive/blanqui/1830/seasons.htm> [N.T.]

⁹³*Sel. Cor.* (Moscou), p. 147.

⁹⁴Ver, e.g. *Manifesto*, *op. cit.*, p. 42. [*Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 50.]

⁹⁵K. Marx, *The Class Struggles in France, 1848-1850*, *S.W.*, I, p. 136. [K. Marx, *As lutas de classes na França - de 1848 a 1850*, em *A revolução antes da revolução* v.2, 2.ed., Editora Expressão Popular, 2010, p. 76]

⁹⁶K. Marx, *Revelations*, *op. cit.*, p. 458.

Engels em 1859 ao ter dito para uma delegação de um grupo emigrado de trabalhadores alemães: “Nós tínhamos recebido nossa nomeação de representantes do partido proletário de ninguém além de *nós mesmos*. Que foi, no entanto, endossada pelo ódio exclusivo e universal consagrado a nós por todos os partidos e frações do velho mundo.”⁹⁷ Será, então, que essa afirmação aponta uma “concepção de eleição por carisma”⁹⁸ e indica estirpes de “profetismo”⁹⁹ em Marx? Deixando de lado a forma um tanto quanto arrogante em que a afirmação é feita (e Marx certamente podia ser arrogante, especialmente naqueles anos penosos de pobreza e saúde frágil em que, mesmo assim, foi atormentado pelas asneiras de alguns de seus compadres de exílio), permanece ali a ideia de Marx e Engels vendo a si mesmos, por virtude de seu entendimento teórico *cientificamente* evoluído, como um *locum tenens* [lugar-tenente] para o partido operário alemão,¹⁰⁰ que gozava naquele momento apenas uma “existência teórica”.¹⁰¹ Contudo, essa é uma concepção excepcional e temporária, um caso especial nem um pouco típico da corrente principal do pensamento de ambos, o qual é encontrado apenas neste estágio primário de vida da, ainda pouco desenvolvida, classe operária alemã naquele hiato entre o desaparecimento da Liga dos Comunistas e o aparecimento de novas organizações de classe operárias – nas quais eles confiavam que tomariam o lugar da Liga ao emergirem.¹⁰² E, decididamente, não estavam tentando substituir tais organizações, que ainda não existiam, por eles mesmos. Assim que um movimento real tomou forma novamente nos anos 1860 eles nunca mais viram a si próprios como representantes auto-aclamados do partido proletário. Ao contrário, onde quer que existisse um movimento real da classe operária e que lutasse contra a ordem vigente, mesmo que liderado por pessoas com as quais tinham fortes diferenças teóricas, eles se identificariam com esse movimento e o enxergariam como uma manifestação do partido “no seu grande sentido histórico”. Deste modo que Marx diria a **Kugelmann** que a **Comuna de Paris** foi “a mais gloriosa façanha do nosso Partido desde a insurreição de Junho em Paris”¹⁰³, de grande modo igual a como Engels se referiu à Comuna, “sem dúvida alguma a criança da Internacional intelectualmente, apesar da Internacional não ter movido um dedo sequer para produzi-la.”¹⁰⁴ Em 1892, ao escrever para os socialistas

⁹⁷K. Marx a F. Engels, 18 de Maio de 1859, *Sel. Cor.* (Londres), p. 123. Itálicos do original.

⁹⁸M. Rubel, “Remarques sur le concept de parti proletarien chez Marx”, em *Revue française de Sociologie*, II, 3 (Paris, 1961), p. 176.

⁹⁹R. Quilliot, “La conception du parti ouvrier”, em *La Revue Socialiste* (Paris), Fevereiro—Março, 1964, p. 172.

¹⁰⁰Meio século mais tarde tal concepção foi apelidada por Trótski como “substitutismo”, que a imputou a Lênin e o atacou, em nome do marxismo, por supostamente favorecer a substituição da classe operária pelo próprio partido, o que levaria, segundo ele, um único “ditador” a substituir o partido por ele mesmo. (Ver I. Deutscher, *The Prophet Armed* (Londres, 1954, pp. 90-91.))

¹⁰¹F. Engels, *Karl Marx: Critique of Political Economy, Werke* (Berlim, 1961), 13, p. 469. [F. Engels, **Karl Marx, “Para a Crítica da Economia Política”, Obras Escolhidas** em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 550-559. Escrito por Engels de 3 a 15 de Agosto de 1859. Publicado no jornal *Das Volk*, n.º 14 e 16, de 6 e 20 de Agosto de 1859, respectivamente. N.T.]

¹⁰²Para uma generalização sem garantias deste caso especial historicamente determinado, ver R. Garaudy, *Humanisme Marxiste* (Paris, 1957), p. 299. Para a questão (feita em relação a uma situação tal como a que emergiu na Hungria em 1956): “Onde, então, está a classe operária?”, Garaudy, que cita uma afirmação de Marx, escreve: “Um marxista pode apenas responder: está onde quer que um homem ou um grupo de pessoas esteja consciente da missão histórica da classe operária e luta para cumpri-la”. Os escritos mais recentes de Garaudy talvez sugiram que ele está, hoje, mais consciente dos perigos implícitos de uma abordagem tão paternalista do que dez anos atrás quando escreveu essas linhas.

¹⁰³K. Marx a L. Kugelmann, 12 de Abril de 1871, *Sel. Cor.* (Londres), p. 309. [K. Marx, **Carta a Ludwig Kugelmann (em Hannover)**, 12 de Abril de 1871, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 457-458.]

¹⁰⁴F. Engels a F. A. Sorge, 12 (e 17) de Setembro de 1874, *ibid.*, p. 330. [F. Engels, **Carta a Friedrich**

franceses sobre o movimento na Alemanha, Engels enfatizou que estava falando “apenas em meu próprio nome, não em nome do partido alemão. Apenas os comitês e delegados escolhidos desse partido é que têm o direito de fazê-lo”.¹⁰⁵

Talvez valha notar que, apesar de não enxergar embasamento para um partido operário organizado na Alemanha nos anos cinquenta, em 1857 ele insistia que Ernest Jones, líder cartista, devia “*formar* um partido, pelo qual ele deveria ir até os distritos fabris”¹⁰⁶ da Grã-Bretanha. O que ele tinha em mente era uma campanha de recrutamento da Associação Nacional Cartista nas áreas industriais, se valendo das velhas tradições cartistas, para desenvolver-se num partido de ampla base operária onde Jones desempenharia um papel de liderança – na ocasião de sua morte em 1869, Engels o descrevera como “o único inglês educado que estava, no fundo, inteiramente ao nosso lado”.¹⁰⁷ Assim, mesmo em seus anos no estrangeiro selvagem Marx e Engels mantiveram e buscaram realizar onde possível seu conceito básico de partido enquanto uma *organização* onde teoria socialista e movimento trabalhista se fundem.

IV

A formação da Primeira Internacional em 1864 deu a Marx (e, um tanto depois, a Engels)¹⁰⁸ a oportunidade de romper o relativo isolamento em que viviam e de juntar-se ao movimento trabalhista europeu ocidental, que estava revivendo em escala muito maior do que seu predecessor continental dos anos 1840. Marx, sem abandonar seu trabalho teórico, voltou sua atenção em organizar, unir, e liderar essa ampla federação internacional de organizações filiadas da classe operária até o **Congresso de Haia** em 1872. Assim como a Liga dos Comunistas, a Internacional não foi fundada por Marx e Engels mas surgiu espontaneamente a partir do movimento trabalhista da época,¹⁰⁹ ao qual eles vieram a dar direção e perspectiva por virtude de sua preeminência¹¹⁰ teórica e intelectual. Apesar disso, diferentemente da Liga dos Comunistas,¹¹¹ eles nunca, em momento algum, consideraram a Internacional um Partido Comunista. Nem operaram, junto de seus apoiadores, como um partido organizado, fração ou sociedade secreta por dentro da larga estrutura da Internacional.¹¹² No entanto, ao dizer “o número... unido pela combinação e

Adolph Sorge (em Hoboken), 12 (e 17) de Setembro de 1874, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 471-472.]

¹⁰⁵ *Socialism in Germany*, op. cit., p. 247.

¹⁰⁶ K. Marx a F. Engels, 24 de Novembro de 1857, *Sel. Cor.* (Londres), p. 101. Itálicos do original.

¹⁰⁷ F. Engels a K. Marx, 29 de Janeiro de 1869, em J. Saville, *Ernest Jones: Chartist*, op. cit., p. 247.

¹⁰⁸ Engels só conseguiu participar do Conselho Geral da Internacional quando mudou-se de Manchester para Londres no outono de 1870. (Ver G. Mayer, *Friedrich Engels: a Biography*, Londres, 1936, p. 197.)

¹⁰⁹ Ver D. Riazanov, *Die Entstehung der Internationalen Arbeiterassoziation*, em *Marx-Engels Archiv* (Frankfurt a.M., n.d. – tanto 1925 quanto 1926), I, pp. 119-202.

¹¹⁰ Ver K. Marx a F. Bolte. 23 de Novembro de 1871, *Sel. Cor.* (Londres), pp. 317-8. [K. Marx, *Carta a Friedrich Bolte* (em Nova Iorque), 23 de Novembro de 1871, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 459-461.

¹¹¹ Ver W. Schmidt, *Zum Verhältnis zwischen dem Bund der Kommunisten und der I. Internationale*, em *Beiträge*, 1964, VI, S.

¹¹² Ver K. Marx a M. Barry, 7 de Janeiro de 1872, *Werke* (Berlim, 1966), 33, p. 370. Aparentemente Bakunin acreditava, com base em nada mais do que um comentário jocoso feito a ele por Marx em 1848, que a Liga dos Comunistas ainda existia como uma sociedade secreta à época da Internacional. (Ver *Michel Bakounine et l'Italie, 1871-1872, Pt. 2, Archives Bakounine*, Leiden, 1963, I, 2, p. 127, e a introdução de A. Lehning a *Michel Bakounine et les Conflits dans l'Internationale, 1872, op. cit.*, II, p. xix.)

liderado pelo conhecimento”¹¹³ na *Mensagem Inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores*, Marx estava de modo geral parafraseando seu conceito de partido, o da fusão da teoria socialista com o movimento operário,¹¹⁴ e, na Internacional, especialmente depois da Comuna de Paris, ele e Engels viriam a desenvolver suas visões acerca de organização partidária de maneira mais completa do que tinham feito até então. Em contraste à Liga dos Comunistas e seu avançado programa teórico, Marx formulou o programa da Internacional – o preâmbulo dos Estatutos esboçado por ele¹¹⁵ – “numa forma aceitável para o estado atual do movimento operário”, como o disse a Engels.¹¹⁶ Esse movimento precisava abraçar os líderes liberais das trade unions britânicas, os proudhonistas franceses, italianos e espanhóis e os lassaleanos alemães.¹¹⁷ Além de admitir tanto organizações afiliadas quanto membros individuais.¹¹⁸ O princípio de que [a Internacional] deveria “deixar todas as seções moldarem livremente seus próprios programas teóricos”,¹¹⁹ levou Marx a propor o aceite das seções da Aliança Internacional da Democracia Socialista de Bakunin na Internacional; a candidatura de ingresso feita em 1868, apesar das fortes objeções de Marx ao programa da Aliança e as suspeitas que ele tinha desde o começo sobre os motivos de Bakunin em ingressar na Internacional.¹²⁰

Nos primeiros anos da Internacional, ao redigir seus documentos, Marx se restringiu “a aqueles pontos que permitem concordância imediata e ação unificada dos trabalhadores, que nutrem e dão ímpeto aos requisitos da luta de classe e à organização dos trabalhadores enquanto classe”.¹²¹ Ele percebeu de início que levaria “tempo até que o movimento revitalizado permitisse a velha ousadia do discurso”.¹²² Porém, confiando, “para o triunfo último do conjunto de ideias postos no *Manifesto*... única e exclusivamente por sobre o desenvolvimento intelectual da classe operária, o que necessariamente teria de decorrer da ação e discussão unitárias,”¹²³ Marx foi exitoso, dado que o movimento se desenvolveu ao ganhar apoio a demandas de crescente caráter socialista.¹²⁴ Assim, em 1868, apesar de uma minguante oposição proudhonista, a Internacional, que nasceu sem nenhum comprometimento a posses públicas, veio a apoiar oficialmente a posse coletiva de minas,

¹¹³S.W., I, p. 348. [*Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 5-13]

¹¹⁴O Dr. Ernst Engelberg, no entanto, em seu *Johann Philipp Becker in der I. Internationale* (Berlim, 1964), p. 30, está indo longe demais quando afirma que, por esta formulação de 1864, Marx quis dizer “o partido centralizado, disciplinado” com sua “teoria científica”.

¹¹⁵S.W., I, pp. 350-353.

¹¹⁶K. Marx a F. Engels, 4 de Novembro de 1864, *Sel. Cor.* (Londres), p. 163. [K.Marx, *Carta a Engels (em Manchester)*, *Revista Marx e o Marxismo* v.2, n.3, ago/dez 2014, p. 446.]

¹¹⁷Ver o prefácio de F. Engels à edição alemã (1890) de *Manifesto, op. cit.*, p. 30. [K. Marx e F. Engels, prefácio à edição alemã de 1890 do *Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista; o trecho em questão é o que está referenciado na página 79 desta edição, mas o texto de fato está ao final da página 75 como parte do prefácio à edição inglesa de 1888. N.T.]

¹¹⁸*General Rules of the I.W.M.A.*, S.W., I, pp. 351-3.

¹¹⁹*Documents of the First International* (Moscou, n.d.—1966?), Vol. III, p. 311.

¹²⁰Ver *Marx's Marginal Notes on the Alliance's Programme and Rules*, 15 de Dezembro de 1868 em *ibid.*, pp. 273-7. (Ao lado das palavras “fondue entièrement dans la grande Association Internationale des Travailleurs” [“fundada inteiramente dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores”] no documento do programa, Marx escreve: “fondue dans, et fondée contre!” [“fundada em, e fundada contra!”] – p. 273.)

¹²¹K. Marx a L. Kugelmann, 9 de Outubro de 1866, *Sel. Cor.* (Londres), p. 214.

¹²²K. Marx a F. Engels, 4 de Novembro de 1864, *ibid.*, p. 163. [K.Marx, *Carta a Engels (em Manchester)*, *Revista Marx e o Marxismo* v.2, n.3, ago/dez 2014, p. 446.]

¹²³F. Engels, *op. cit.*, p. 30. [K. Marx e F. Engels, prefácio à edição alemã de 1890 do *Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 76. Ver nota 117. N.T.]

¹²⁴Ver, e.g. de J. Freymond, *Introduction to La Première Internationale: Recueil de Documents* (Genebra, 1962), I, pp. x-xi.

ferrovias, terras aráveis, florestas e meios de comunicação.¹²⁵

Pela primavera de 1871, a Comuna de Paris – memoravelmente defendida e justificada por Marx em nome do Conselho Geral em *A Guerra Civil na França* – levantou agudamente a questão das formas mais efetivas de ação política para assegurar à classe operária o poder político, para a qual o crescimento do sufrágio da classe operária,¹²⁶ assim como a campanha “abstencionista” levada à frente pelos bakuninistas na Internacional, ajudaram a torná-la atual. Após uma discussão em que ambos Engels e Marx participaram,¹²⁷ a Conferência de Londres adotou sua famosa Resolução IX – citada no início deste ensaio – com a qual pela primeira vez em sua história a Internacional oficialmente saiu a público em favor da “constituição da classe operária em um partido político”.¹²⁸ Este objetivo foi incorporado aos Estatutos da Internacional no Congresso de Haia um ano depois. No entanto, o que se quer dizer aqui com esta pequena mas pouca analisada formulação? O Dr. Miklos de Genebra, no seu estimulante e bem documentado – e frequentemente controverso – estudo da Conferência de Londres, interpreta essa resolução, em conjunto com aquelas dizendo respeito a mensalidades e estatísticas, como uma preparação de terreno para a Internacional se “tornar uma espécie de partido internacional centralizado”.¹²⁹ Enquanto que, até ali, Marx via a Internacional como uma “rede de sociedades afiliadas”,¹³⁰ Molnar argumenta que, posteriormente, ele concebeu e apresentou abertamente na Conferência de Londres “a ideia de transformar todas essas sociedades e agremiações heterogêneas em um partido internacional”.¹³¹

Molnar é incapaz de citar quaisquer depoimentos de Marx ou de Engels que suportem sua interpretação da resolução da Conferência de Londres e ignora algumas evidências muito sólidas indicando que os dois pretendiam algo bem diferente com ela. Assim, em 1893, Engels daria as boas-vindas à formação do **Partido Trabalhista Independente da**

¹²⁵ *La Première Internationale, op. cit.*, I, pp. 405-6.

¹²⁶ Em 1867 Bismarck introduziu o sufrágio universal a homens adultos na Confederação Alemã do Norte e a estendeu para o novo Reich Alemão em 1871. Aos trabalhadores urbanos da Grã-Bretanha foi dado o voto sob o Segundo Projeto de Reforma de 1867.

¹²⁷ Ver *La Première Internationale, op. cit.*, II, pp. 191 ff. Um relato mais completo do discurso de Engels, que sozinho já se refere especificamente à necessidade de os trabalhadores formarem um partido independente, é dado na *Werke* (Berlim, 1962), 17, p. 416.

¹²⁸ *The International Herald*, No. 37, 14 de Dezembro de 1872. (Ver, acima, nota 1.)

¹²⁹ M. Molnar, *Le Déclin de la Première Internationale* (Genebra, 1963), p. 137. Numerosos historiadores soviéticos interpretaram as decisões da Conferência de Londres do mesmo jeito que Molnar o faz aqui. Ver, e.g. I. M. Kriwogus e S. M. Stezkewitsch, *Abriss der Geschichte der I. und II. Internationale* (Berlim, 1960), p. 130: “Nas decisões a respeito da questão organizativa foi expressado como objetivo fazer da Internacional um partido político internacional da classe operária.” [“*In the decisions on the organizational question were expressed the aim of making the International into an international political party of the working class.*”] cf. K. L. Seleznev, *K. Marks i F. Engels’ o revoliutsionnoy partii proletariata* (Moscou, 1955), p. 26; A. Y. Koroteeva, “The Hague Congress of the First International”, em I. S. Galkin, Ed., *op. cit.*, p. 596. G. Stekloff, em sua *History of the International* (Londres, 1928), p. 181, argumenta que Marx estava pensando em termos de fazer da A.I.T um partido internacional dos operários com o Conselho Geral como seu comitê executivo na ausência de partidos nacionais que pudessem se opor a isto. (Molnar, p. 134, n.18, se dissocia dessa visão extrema.) Em anos recentes, porém, os colegas soviéticos vieram a ver mais corretamente que as decisões da Conferência de Londres almejavam “a criação, em cada país, de um partido proletário independente.” [“*the creation in each country of an independent proletarian party.*”] (Ver B. E. Kunina, “Iz Istории deyatelnosti Marksa v General’nom Sovete I. Internatsionala, 1871-72,” em L. I. Gol’man, Ed., *Iz Istории Marksizma i Mezhdunarodnogo rabocheho Dvizheniya* (Moscou, 1963), p. 349; I. A. Bakh, Ed., *Pervyi Internatsional* (Moscou, 1965), II, p. 137.

¹³⁰ Entrevista com K. Marx, em *World* (Nova Iorque), 18 de Julho de 1871, reproduzida em *New Politics*, II, 1 (Nova Iorque, 1962), p. 130.

¹³¹ M. Molnar, *op. cit.*, p. 35.

Inglaterra, dizendo que “este novo partido é aquele partido mesmo que os velhos membros da Internacional desejavam ver formado” quando eles passaram sua resolução na Conferência de 1871 “em favor de um partido político independente”.¹³² Ademais, no folheto *Da Seção Estrangeira em Manchester para todas as Seções e Membros da Federação Britânica** que Engels rascunhou em Dezembro de 1872,¹³³ ele escreve que a resolução “meramente demanda a formação, em cada o país, de um partido da classe operária distinto, oposto a todos os partidos de classe média”.¹³⁴ Isto quer dizer que, ele continua, “aqui na Inglaterra, se convoca a classe operária a, imediatamente, se recusar a servir como a bituca de cigarro [*fag-end*] do ‘grande partido Liberal’, e a formar ela mesma um partido independente, tal como eles fizeram nos tempos gloriosos do grande movimento cartista”.¹³⁵ Assim voltamos ao modelo do movimento de massas cartista – “o primeiro partido dos trabalhadores dos tempos modernos”¹³⁶ – o qual, como explicado acima, era o que os autores do *Manifesto Comunista* tinham em mente quando lá falaram da “organização dos proletários enquanto classe, e conseqüentemente em um partido político”.¹³⁷

Em meados de 1871, Marx e Engels tinham também um outro modelo mais recente em mente. O do Partido Operário Social-Democrata da Alemanha, formado em Eisenach dois anos antes. O estandarte anti-guerra erguido por seus líderes, Bebel e Liebknecht, no Reichstag no ano anterior fora citado por Marx na Conferência de Londres como um exemplo da importância de se ter representantes dos trabalhadores em parlamentos nacionais,¹³⁸ assim como por Engels quando este escreve para o Conselho Federal Espanhol da Internacional em 13 de Fevereiro de 1871.¹³⁹ Nesta importante carta – escrita logo antes da Comuna de Paris – Engels argumenta que “a experiência tem mostrado, em todo lugar, que o melhor caminho para emancipar os trabalhadores desta dominação dos velhos partidos é formar, em cada país, um partido proletário com política própria, uma política bem distinta daquelas dos outros partidos”.¹⁴⁰

Assim, a partir de 1871, Marx e Engels anteviam a Internacional trabalhando para o estabelecimento de partidos operários nacionais independentes. Eles não tinham o desejo

¹³² *The Workman's Times*, 25 de Março de 1893. O relato trazido aqui desse importante discurso de Engels de 18 de Março de 1893 em um encontro em Londres em comemoração à Comuna de Paris não aparece na *Werke* nem na *Sochineniya* russa, cuja segunda edição eles seguem e cujas tabelas de datas da vida de Engels não fazem nenhuma referência. (Ver *Werke*, 22, p. 673.) No entanto, é citado por S. Bünger, *Friedrich Engels und die britische Sozialistische Bewegung von 1881-1895* (Berlim, 1962), p. 207. Este último trabalho se vale de um leque amplo de fontes originais e oferece um tratamento analítico e factual extremamente valioso desse período. É de se esperar que, com o crescimento dos estudos em história do trabalho nesse país, logo se encontre um tradutor e editor inglês.

* *The Manchester Foreign Section To All Sections and Members of the British Federation*, ainda indisponível em português. [N.T.]

¹³³ Sua autoria é indicada em cartas de K. Marx a F. A. Sorge, em 21 de Dezembro de 1872, e de F. Engels a F. A. Sorge, em 4 de Janeiro de 1873, em *Briefe und Auszüge aus Briefen von Joh. Phil. Becker, J. Dietzgen, F. Engels, K. Marx, u.A. an F. A. Sorge u. Andere* (Stuttgart, 1906), pp. 86, 88.

¹³⁴ K. Marx e F. Engels, *On Britain* (Moscou, 1962), p. 500.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 500.

¹³⁶ F. Engels, *Socialism: Utopian and Scientific* (Londres, 1932), p. xxx. [F. Engels, *Introdução Especial para a edição inglesa de 1892*, 20 de Abril de 1892, da obra *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, Obras Escolhidas* em 3 tomos. Lisboa: Edições Avante! - Moscovo: Edições Progresso. 1985. pp. 104-127.]

¹³⁷ *S.W.*, I, p. 41.

¹³⁸ *La Première Internationale, op. cit.*, II, pp. 195, 224.

¹³⁹ *Sel. Cor.* (Moscou), p. 315.

¹⁴⁰ *Ibid.*, pp. 314-5.

de prescrever esta ou aquela forma – nem sequer o tipo mais “marxista” de partido, como o dos **eisenachianos** que se desenvolveram “sob a influência de (suas) visões teóricas”,¹⁴¹ e nem o movimento cartista, de base larga mas menos desenvolvido teoricamente – como o modelo para todos os países.¹⁴² E também não almejavam, como afirma Molnar, em ter a Internacional “provida com uma doutrina comum”.¹⁴³ O “programa teórico comum”, que, em 1869, Marx tinha previsto ser criado “em degraus” pela troca de ideias ao longo da Internacional,^{143a} foi concebido em termos razoavelmente amplos. Dois dias depois do fechamento da Conferência de Londres, Marx fez um discurso em um jantar para delegados, no qual enfatizou que “a Internacional não tinha posto à frente nenhum credo em particular. Sua tarefa é a de organizar as forças do trabalho [*forces of labour*] e vincular os vários movimentos de trabalhadores e combiná-los”.¹⁴⁴ (Irônico o bastante, o relato completo desse discurso é reproduzido por Molnar como um dos apêndices!) Mesmo ao fim de Agosto de 1872, no ápice da penosa batalha com os anarquistas – cujas teorias Marx e Engels, pessoalmente, se opunham de forma irreconciliável –, Engels deixou claro que eles consideravam ser direito de Bakunin e seus seguidores fazer “propaganda para o seu programa” no seio da Internacional.¹⁴⁵

O conflito entre Marx e Bakunin, como aponta Julius Braunthal em sua *Geschichte der Internationale*, “não foi desencadeado por contradições teóricas, mas pela questão da organização da Internacional”.¹⁴⁶ Não obstante sua demagogia libertária, Bakunin procurou colocar essa organização sob a tutela oculta e irresponsável de uma-ou-outra sociedade ou sociedades secretas hierarquicamente organizadas. “Se vocês formarem esta ditadura coletiva e invisível, vocês triunfarão, a revolução bem conduzida triunfará. Se não, não triunfará”, escreveu ele em 1 de Abril de 1870 para seu apoiador, **Albert Richard**.¹⁴⁷

A questão real em disputa entre Marx e Bakunin era se a Internacional deveria ser dirigida como uma organização democrática pública, de acordo com as regras e políticas estabelecidas em seus congressos, ou se deveria permitir a Bakunin “paralisar (sua) ação por meio de intrigas secretas”,¹⁴⁸ e que as federações e seções se recusassem a aceitar as decisões dos congressos com as quais não concordassem.^{148a} Embora Marx e Engels, em

¹⁴¹F. Engels a A. Bebel, 14 de Novembro de 1879, *Werke* (Berlim, 1966), 34, p. 421. (A tradução em *Sel. Cor.*, Moscou, p. 398, é pobre.)

¹⁴²“A Associação não dita a forma dos movimentos políticos,” [*“The Association does not dictate the form of political movements,”*] disse Marx dois meses antes da Conferência de Londres. “Em cada canto do mundo se apresenta algum aspecto especial do problema, e os trabalhadores dali dirigem suas considerações sobre ele à sua própria maneira.” [*“In each part of the world some special aspect of the problem presents itself, and the workmen there address themselves to its consideration in their own way.”*] (*The World*, 18 de Julho de 1871, *op. cit.*, p. 130.)

¹⁴³Molnar, *op. cit.*, p. 137.

^{143a}*Documents of the First International, op. cit.*, III, p. 310.

¹⁴⁴Relato publicado pelo *World* (Nova Iorque), 15 de Outubro de 1871, reproduzido em Molnar, *op. cit.*, p. 137.

¹⁴⁵F. Engels, *Report on the Alliance of Socialist Democracy, Werke*, 18, p. 141.

¹⁴⁶J. Braunthal, *Geschichte der Internationale* (Hanover, 1961), t. I, p. 186.

¹⁴⁷*La Revue de Paris*, 1896, p. 131, citado por A. Lehning em sua introdução a *Michel Bakounine et l'Italie*, Parte 2, *Archives Bakounine, op. cit.*, 1, 2, p. xxxvi. Itálicos no original, cf. *ibid.*, pp. 251-2, e *La Première Internationale, op. cit.*, II, pp. 474-5.

¹⁴⁸K. Marx a P. Lafargue, 19 de Abril de 1870, em Instituto G. Feltrinelli, *Annali* (Milão, 1958), I, p. 176.

^{148a}Ver, e.g. *Circulaire à toutes les fédérations de L'Association Internationale des Travailleurs* (do congresso de Sonvillier, 1871), em *Archives Bakounine, op. cit.*, I, 2, esp. p. 405, que rejeita “qualquer liderança dotada com autoridade (*toute autorité directrice*) mesmo esta tendo sido consentida e eleita pelos trabalhadores.”

certos momentos, sem dúvida tenham superestimado as reais ramificações das sociedades secretas bakuninistas (às vezes era difícil para o próprio velho conspirador acompanhar todas elas e distinguir entre a realidade e os projetos fantásticos de seu cérebro intrigueiro)¹⁴⁹ e tenham sido culpados, no calor da batalha, de algumas exagerações polêmicas e ataques pessoais inadequadamente substanciados¹⁵⁰ (nenhum dos quais, no entanto, desceu ao nível do veneno anti-semita que este suposto internacionalista injetou em seu abuso contra Marx),¹⁵¹ Bakunin deu-lhes amplos motivos para reunirem suas forças e garantirem sua derrota e expulsão no **Congresso de Haia**, em Setembro de 1872.

As propostas de Marx e Engels para aumentar os poderes do Conselho Geral, adotadas naquele congresso, não devem ser vistas como uma tentativa de implementar uma versão da proposta mazziniana de “uma espécie de governo central para as classes trabalhadoras da Europa” – a qual Marx havia garantido a rejeição no início da Internacional¹⁵² – nem como uma liderança autoritária entendida pelos **blanquistas** franceses em sua demanda para que a Internacional fosse “a vanguarda internacional da revolução proletária” e sua crítica à mesma após o Congresso de Haia, por ser excessivamente “uma instituição parlamentar”.¹⁵³ Tudo o que estavam propondo era que o direito do Conselho Geral de expulsar seções – votado no **Congresso de Basileia** de 1869 com o apoio total de Bakunin¹⁵⁴ – fosse estendido para incluir federações,¹⁵⁵ mas sob condições que, como Marx enfatizou, “submetiam as ações do Conselho Geral a um controle”.¹⁵⁶

Em sequência à Comuna de Paris, diante da perseguição das forças reacionárias da Europa e da disrupção causada pelos bakuninistas, Marx e Engels não tiveram outra alternativa senão lutar para dar à Internacional uma liderança centralizada eficaz. No entanto, ao fazer isso, precipitaram seu fim. Suas propostas forneceram a Bakunin um popular pilar “anti-autoritário” para mobilizar uma oposição ao Conselho Geral na Suíça, Itália, Espanha e Bélgica, com o qual uma porção substancial dos britânicos, que haviam apoiado Marx anteriormente contra os proudhonistas e não tinham simpatias anarquistas, acabou se associando.¹⁵⁷ Em vez de arriscar um Conselho Geral sob o controle imediato dos blanquistas – com os quais tiveram de se aliar para derrotar Bakunin – ou talvez mais tarde [sob controle] dos bakuninistas, eles convenceram o Congresso de Haia a transferir sua sede para Nova Iorque. Este congresso, como Engels reconheceu no outono de 1874,

¹⁴⁹Ver E. H. Carr, *Michael Bakunin* (Londres, 1937), pp. 420-423; M. Nettlau, *Michael Bakunin* (Londres, 1898, produzido privadamente por um copista), Parte 3, p. 724.

¹⁵⁰Ver, e. g. F. Mehring, *op. cit.*, pp. 429, 491-2.

¹⁵¹Ver, e. g. *Archives Bakounine, op. cit.*, I, 2, pp. 124-126, onde Bakunin se refere aos judeus como “uma seita exploradora, um povo sugador de sangue, um parasita devorador único, organizada de forma muito amarrada e íntima... atravessando todas as diferenças de opinião política” [“*an exploiting sect, a blood sucking people, a unique devouring parasite, tightly and intimately organised... cutting across all the differences of political opinion*”], e Marx e os Rothschilds são descritos como se tivessem um ao outro em alta estima!

¹⁵²K. Marx a F. Engels, 4 de Novembro de 1864, *Sel. Cor.* (Londres), p. 161. Itálicos originais. [K. Marx, *Carta a Engels (em Manchester)*, *Revista Marx e o Marxismo*, v.2, n.3, ago/dez 2014, p. 444.]

¹⁵³E. Vaillant e outros, *Internationale et Révolution*, em *Archives Bakounine, op. cit.*, II, pp. 363, 366.

¹⁵⁴*Der Vorbote* (Genebra), Março de 1870, pp. 41-2; *Archives Bakounine, op. cit.*, I, 2, pp. 211-2, 214-5; J. Guillaume, *L'Internationale: Documents et Souvenirs* (Paris, 1905), I, pp. 207-8.

¹⁵⁵H. Gerth, Ed., *The First International: Minutes of the Hague Congress of 1872* (Madison, 1958), p. 287.

¹⁵⁶*Address of the British Federal Council*, redigido por K. Marx, *Werke*, t. 18, p. 205.

¹⁵⁷H. Collins e C. Abramsky, *Karl Marx and the British Labour Movement* (Londres, 1965), pp. 248 e seguintes.

marcou efetivamente o fim da Primeira Internacional.¹⁵⁸ O “mundo proletário”, escreveu ele, havia se tornado “demasiado grande, demasiado extenso” para que se repetisse tal “aliança de todos os partidos proletários em cada país”. Depois que a influência dos escritos de Marx se espalhasse, a próxima Internacional, pensava ele, seria “diretamente comunista e proclamará abertamente nossos princípios”.¹⁵⁹

Paradoxalmente, um dos grandes fatores que impediu o renascimento da Primeira Internacional – muito aguardado por Marx e Engels no primeiro período após o Congresso de Haia – foi o desenvolvimento dos partidos nacionais de trabalhadores, cujos novos estatutos foram desenhados para promover o crescimento desses partidos, mas com os quais, na prática, tendia a conflitar com seu desenvolvimento enquanto organizações autônomas. Molnar está certo quando afirma que, desses partidos, a Internacional “os gerou e morreu por causa deles”.¹⁶⁰ O Dr. Roger Morgan, em seu estudo muito bem documentado sobre o primeiro e mais importante desses partidos,¹⁶¹ mostrou em detalhes como o surgimento do Partido de Eisenach – substituto do grupo de língua alemã da Internacional liderado por J. P. Becker de Genebra – levou ao abandono das atividades diretas da Internacional na Alemanha, devido à preocupação dos eisenachianos com suas próprias campanhas nacionais.¹⁶² Marx e Engels nunca permaneceram presos a uma dada forma organizacional se achassem que o movimento real já havia superado essa forma e esta se tornara um “grilhão”¹⁶³ para seu desenvolvimento posterior. Embora sua posição em 1871-72 não tenha salvado a Primeira Internacional, ela ajudou a fornecer princípios políticos e organizacionais para os novos partidos que surgiram e, na maioria dos casos, assumiram um caráter mais ou menos marxista.^{163a} Também ajudou a garantir que a **Segunda Internacional**, finalmente formada com o apoio entusiástico¹⁶⁴ de Engels em 1889, ainda que não “diretamente comunista”, fosse fortemente influenciada pelo marxismo. Comentando sobre a decisão unânime de seu Segundo Congresso em 1891 de excluir os representantes dos grupos anarquistas, Engels escreveu: “Com isso, a velha Internacional chega ao fim, com isso a nova começa novamente. É puramente e simplesmente a ratificação, dezoito anos depois, das resoluções do Congresso de Haia.”¹⁶⁵

V

Quando, em 1863, Lassalle fundou a **Associação Geral dos Operários Alemães (ADAV)***,

¹⁵⁸F. Engels a F. A. Sorge, 12 (e 17) de Setembro de 1874, *Sel. Cor.* (Londres), p. 330. [F. Engels, *Carta a Friedrich Adolph Sorge (em Hoboken)*, 12 (e 17) de Setembro de 1874, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 471-472.]

¹⁵⁹*Ibid.*, p. 330.

¹⁶⁰Molnar, *op. cit.*, p. 188.

¹⁶¹R. P. Morgan, *The German Social Democrats and the First International* (Cambridge, 1965).

¹⁶²*Ibid.*, pp. 182-188, 204, 219-228. Ver também *Werke* (Berlim, 1965), 33, pp. 287, 322-323, 361-362, 461-462, 467, 567; Mehring, *op. cit.*, pp. 482-483; Braunthal, *op. cit.*, p. 195.

¹⁶³*S. W.*, t. II, p. 323.

^{163a}Ver F. Engels, *The Sonvillier Congress and the International, Werke* (Berlim, 1962), t. 17, pp. 477-478. Também D. Lekovic, “Revolucionarna delatnost Prve internacionale kao faktor razvitka marksizma”, *Prilozi za istoriju socijalizma*, II (Belgrado, 1964), esp. pp. 37-50, que trata de alguns problemas muito importantes das ideias de Marx e Engels sobre organização neste período, como a relação entre centralismo e autonomia, maioria e minoria, e seu conceito de sectarismo. Ver ainda B. E. Kunina, em L. I. Gol'man, Ed., *op. cit.*, pp. 347-351.

¹⁶⁴Ver F. Engels a F. A. Sorge, 17 de Julho de 1889, em *Briefe und Auszüge*, pp. 316-318.

¹⁶⁵F. Engels, P. e L. Lafargue, *Correspondence* (Moscou, s.d.), III, p. 103.

*Do alemão *Allgemeiner Deutscher Arbeiterverein*; será mantido o uso da sigla em alemão no decorrer

ele realizou, na visão de Marx, um “serviço imortal” ao reavivar o movimento operário independente após quinze anos de sono profundo.¹⁶⁶ No entanto, embora reconhecesse o que havia de positivo em uma organização operária independente como a ADAV e tivesse contribuído para seu jornal – por um curto período, em 1864-65 – ele e Engels geralmente a descreviam como uma “seita operária”¹⁶⁷ em vez de um partido operário. Viam a tentativa lassalleana de prescrever aos trabalhadores o caminho a ser seguido de acordo com uma certa receita dogmática,¹⁶⁸ sua agitação inadequada (pelo menos antes de 1868) por plena liberdade política, a “organização ‘rígida’”¹⁶⁹ – que a ADAV tentava implantar até mesmo nos sindicatos que criava¹⁷⁰ – e seu culto à liderança como expressões de seu caráter sectário. Opondo-se a tudo isso, Marx escreveu em 1868 ao presidente da ADAV, Schweitzer, que, especialmente na Alemanha, “onde o trabalhador é burocraticamente disciplinado desde a infância e acredita em autoridade e nos órgãos colocados sobre si, é importante, acima de tudo, ensiná-lo a agir de maneira independente”.¹⁷¹

A partir de 1865, Marx concentrou-se na formação de seções da Internacional na Alemanha, para as quais membros individuais eram recrutados. Ele via essas seções como preparatórias para um partido operário nacional, cuja criação estava sendo facilitada pelo ímpeto de Bismarck rumo à unificação da Alemanha.¹⁷² Uma importante contribuição ideológica para isso foi feita pela publicação do primeiro volume d’*O Capital*, exatamente um século atrás, com o qual Marx esperava “elevar o Partido o mais alto possível”,¹⁷³ e que, no ano seguinte, foi saudado nos congressos nacionais das duas principais organizações operárias alemãs — a ADAV¹⁷⁴ e a Associação das Organizações Operárias Alemãs, liderada por Bebel e Liebknecht.^{174a} Em um congresso em Eisenach, em 1869, a Associação de Bebel uniu-se a elementos de oposição dentro da ADAV para formar o Partido Operário Social-Democrata da Alemanha, com base em um programa que mostrava a influência do marxismo, embora sua demanda por um “estado popular livre” e certas formulações lassalleanas não fossem aprovadas por Marx e Engels.¹⁷⁵ Em alguns aspectos, embora não fosse tão diretamente socialista quanto a ADAV, o novo partido tinha, aos olhos de Marx e Engels, a grande vantagem de ser inequivocamente contrário ao nacionalismo de Bismarck e ao estado militar prussiano, além de ser organizado de maneira inteiramente democrática. Nele, Marx e Engels passaram a reconhecer um verdadeiro partido proletário¹⁷⁶ e, pela primeira vez desde a dissolução da Liga Comunista em 1852,

do texto, de acordo com o original. [N.T.]

¹⁶⁶K. Marx a J. B. Schweitzer, 13 de Outubro de 1868 (rascunho), *Sel. Cor.* (Londres), p. 250.

¹⁶⁷Ver, e.g. F. Engels a L. Kugelmann, 10 de Julho de 1869, *Werke* (Berlim, 1965), 32, p. 621.

¹⁶⁸Marx a Schweitzer, *op. cit.*, p. 250.

¹⁶⁹F. Engels a K. Marx, 24 de Setembro de 1868, *Werke*, 32, p. 161.

¹⁷⁰F. Engels a K. Marx, 30 de Setembro de 1868, *ibid.*, p. 170.

¹⁷¹K. Marx a J. B. Schweitzer, 13 de Outubro de 1868, *ibid.*, p. 570.

¹⁷²F. Engels a K. Marx, 25 de Julho de 1866, *Sel. Cor.* (Londres), p. 211.

¹⁷³K. Marx a L. Kugelmann, 11 de Outubro de 1867, em K. Marx, *Letters to Kugelmann* (Londres, 1941), p. 50.

¹⁷⁴M. M. Mikhailova, “K istorii raspostraneniya I.toma ’Kapitala’”, em L. I. Gol’man, Ed., *op. cit.*, p. 425.

^{174a}Discurso final de W. Liebknecht no Congresso de Nuremberg da Associação das Organizações Operárias Alemãs, 1868, em *Die I. Internationale in Deutschland* (Berlim, 1964), p. 245.

¹⁷⁵Ver, e.g. K. Marx, *Notes on Bakunin’s “Statism and Anarchy”*, *Werke*, 18, p. 636. [K. Marx, *Resumo Crítico de Estatismo e Anarquia, de Mikhail Bakunin (1874) (excertos)*, em *Crítica do Programa de Gotha*, Boitempo Editorial, 2012, 1ª edição, p. 111.]

¹⁷⁶Ver F. Engels, *Prefatory Notes (1874)* para sua obra *Peasant War in Germany, S.W.*, I, pp. 590-591. [F. Engels, *Prefácio à segunda edição alemã de As guerras camponesas na Alemanha*, em *A revolução antes da revolução* v.1, 2.ed., Editora Expressão Popular, 2010, pp. 54-55.]

aplicaram a expressão “nosso partido” a um partido político organizado da época.¹⁷⁷

Em 1875, quando foi realizado um congresso de unidade em **Gotha** entre as duas organizações operárias alemãs e um programa preliminar para o novo partido foi apresentado, Marx e Engels escreveram suas famosas críticas sobre as insuficiências teóricas do programa,¹⁷⁸ para consideração em privado dos líderes dos eisenachianos. “Cada passo de movimento real é mais importante do que uma dúzia de programas”, escreveu Marx. “Se, portanto, não fosse possível... ir *além* do programa de Eisenach, deveria-se simplesmente ter chegado a um acordo para ação contra o inimigo comum”.¹⁷⁹ Apesar dessas reservas, Marx e Engels associaram-se ao novo partido unificado e logo passaram a referir-se a ele também como “nosso partido”¹⁸⁰; no final de sua vida, Engels elogiava a fusão pelo “imenso aumento de força” que ela havia trazido.¹⁸¹

Não obstante o regozijo com o impressionante crescimento do novo partido, Marx e Engels sempre batiam o pé quando percebiam em suas fileiras sinais de uma “vulgarização (*Verluderung*) do Partido e da teoria”.¹⁸² Assim, em Setembro de 1879, enviaram uma circular enfática aos líderes do Partido criticando a atitude conciliatória destes em relação a certos “representantes da pequena burguesia”¹⁸³ que vinham tentando “combater o caráter proletário do Partido”¹⁸⁴ e, assim, agindo como “um elemento adúlterador”¹⁸⁵ dentro deste. Achavam “incompreensível” que o Partido pudesse “tolerar... no seu seio durante mais tempo”¹⁸⁶ quem dissesse que os operários eram demasiado incultos para se emanciparem a si próprios.¹⁸⁷ Em 1882, Engels escreveu a Bebel que não tinha ilusões de que “um dia haveria uma disputa com os elementos inclinados à burguesia dentro do Partido e uma separação entre as alas direita e esquerda”,¹⁸⁸ de preferência após a revogação da **Lei Anti-Socialista**, que havia sido introduzida em 1878.¹⁸⁹

Nos últimos anos de sua vida Engels aprovou os traços essenciais da linha seguida pelo Partido e o novo programa adotado – após ter criticado seu primeiro rascunho – no Congresso de Erfurt de 1891.¹⁹⁰ Expressou seu orgulho pelos “nossos” sucessos eleitorais,

¹⁷⁷Ver, e.g. F. Engels a A. Bebel, 18-28 de Março de 1875, *Sel. Cor.* (Londres), pp. 332, 333. [F. Engels, *Carta a August Bebel*, 18/28 de Março de 1875, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 31-38.]

¹⁷⁸*Critique of the Gotha Programme*, S.W., II, pp. 13-45. [K. Marx, *Crítica do Programa de Gotha*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 5-30.]

¹⁷⁹*Ibid.*, pp. 15-16. Itálico no original. [K. Marx, *Carta a Wilhelm Bracke* em *Crítica do Programa de Gotha*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 7-8.]

¹⁸⁰K. Marx a F. A. Sorge, 19 de Outubro de 1877, *Sel. Cor.* (Londres), p. 350.

¹⁸¹F. Engels, *Socialism: Utopian and Scientific*, op. cit., p. v. [F. Engels, *Introdução Especial para a edição inglesa de 1892*, *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, p. 104.]

¹⁸²K. Marx a F. A. Sorge, 19 de Setembro de 1879, *Sel. Cor.* (Moscou), p. 396.

¹⁸³K. Marx/F. Engels a A. Bebel, W. Liebknecht, W. Bracke e outros (Carta Circular), meados de Setembro de 1879, *Sel. Cor.* (Londres), p. 374. [K. Marx/F. Engels *Carta Circular a A. Bebel, W. Liebknecht, W. Bracke e Outros*, 17-18 de Setembro de 1879, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 96-103.]

¹⁸⁴*Ibid.*, p. 370.

¹⁸⁵*Ibid.*, p. 376.

¹⁸⁶*Ibid.*, p. 376.

¹⁸⁷*Ibid.*, p. 377.

¹⁸⁸F. Engels a A. Bebel, 21 de Junho de 1882, em F. Engels, *Briefe an Bebel* (Berlim, 1958), p. 64.

¹⁸⁹*Ibid.*, p. 64. cf. *Briefe und Auszüge*, pp. 203-4; *Sel. Cor.* (Londres), pp. 439-440.

¹⁹⁰F. Engels a F. A. Sorge, 24 de Outubro de 1891, *I.A.*, pp. 237-8. Carlo Schmid, em seu artigo “Ferdinand Lassalle und die Politisierung der deutschen Arbeiterbewegung”, em *Archiv für Sozialgeschichte* (Hanover, 1963), III, p. 6, observa que foi especialmente no Congresso de Erfurt que o partido “se dissociou oficialmente ideologicamente das opiniões de Lassalle”.

que, em 1893, ele via aproximar-se da marca de dois milhões de votos, e previu de forma excessivamente otimista uma maioria eleitoral e um governo socialista no poder entre 1900 e 1910.¹⁹¹ Em 1895, poucos meses antes de sua morte, elaborou em sua introdução a *Lutas de Classe na França 1848-1850*, de Marx, a justificativa teórica do “método inteiramente novo de luta proletária” que havia sido inaugurado pela “utilização bem-sucedida do sufrágio universal”,¹⁹² relegando ao passado “o tempo dos ataques-surpresa, das revoluções levadas a cabo por pequenas minorias conscientes à frente de massas inconscientes”.¹⁹³ No entanto, ele ressaltou a **Paul Lafargue** que as táticas ali delineadas não poderiam ser seguidas integralmente na França, Bélgica, Itália e Áustria, e que “amanhã elas podem mesmo se tornar inaplicáveis na Alemanha”.¹⁹⁴

Engels considerava a designação Social-Democrata “inadequada para um partido cujo programa econômico não era apenas socialista no geral, mas diretamente comunista, e cujo objetivo político final era a abolição de todo o Estado e, portanto, também da democracia”.¹⁹⁵ O professor Harold Laski, em sua introdução à edição de centenário do *Manifesto Comunista* pelo Partido Trabalhista, não conseguiu reconhecer que Marx e Engels desenvolveram mais além seu conceito de partido após 1848. “Data da Revolução Russa a ideia de um partido comunista em separado”, afirma ele; “não tinha lugar no pensamento tanto de Marx ou de Engels”¹⁹⁶; argumenta que eles, por exemplo, “nunca buscaram fundar um Partido Comunista Alemão em separado”.¹⁹⁷ Não percebe que, para Marx e Engels, o “Comunismo Alemão”, que, como Engels escreveu a **Sorge** em 1864, “ainda não existia como um partido operário”,¹⁹⁸ gradualmente passou a existir após 1869 na forma dos partidos socialistas liderados por Bebel e Liebknecht.

As opiniões de Marx e Engels sobre o desenvolvimento de um partido marxista na França no mesmo período também não sustentam a afirmação generalizada de Laski de que “eles *sempre* apoiariam partidos da classe trabalhadora, mesmo quando estes não fossem comunistas, sem formar um partido em separado”, independentemente do fato de que “tal partido possa ter um programa inadequado”.¹⁹⁹ Na verdade, em 1882, Engels deu seu apoio a **Guesde** e à minoria de esquerda quando eles se retiraram do Congresso de Saint-Étienne do Partido Operário Francês,²⁰⁰ que então se dividiu em um partido **guesdista** e um “possibilista”. Ele descreve essa separação de “elementos incompatíveis” como “inevitável” e “boa”.²⁰¹ Escrevendo para **Bernstein**, relatou que a ala de direita “possibilista” havia “substituído o preâmbulo comunista” do programa do partido de 1880 – redigido por Marx – “pelos Estatutos da Internacional de 1866”,²⁰² que, segundo

¹⁹¹ *Entrevista com o “Daily Chronicle”*, 1º de Julho de 1893, em F. Engels, P. e L. Lafargue, *op. cit.*, III, p. 400.

¹⁹² *S. W.*, I, p. 120.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 123.

¹⁹⁴ F. Engels a P. Lafargue, 3 de Abril de 1895, *Sel. Cor.* (Moscou), p. 569.

¹⁹⁵ F. Engels, Prefácio (para o panfleto *International Questions in the “Volksstaat”*), *Werke* (Berlim, 1963), 22, p. 418.

¹⁹⁶ H. J. Laski, *Communist Manifesto: A Socialist Landmark* (Londres, 1948), p. 75.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 39.

¹⁹⁸ F. Engels a F. A. Sorge, 12 (e 17) de Setembro de 1874, *Sel. Cor.* (Londres), p. 329. Ênfase minha. [F. Engels, *Carta a Friedrich Adolph Sorge (em Hoboken)*, 12 (e 17) de Setembro de 1874, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 471-472.]

¹⁹⁹ Laski, *op. cit.*, p. 57. Ênfase minha.

²⁰⁰ Ver P. Lafargue a F. Engels, 10 de Agosto de 1882, *Engels-Lafargue Correspondence* (Moscou, 1959), I, pp. 102-3.

²⁰¹ F. Engels a E. Bernstein, 20 de Outubro de 1882, *Sel. Cor.* (Moscou), p. 424.

²⁰² Na verdade, o preâmbulo possibilista do qual, presumivelmente, Engels só havia visto relatos li-

ele, “precisaram ser formulados de maneira tão ampla porque os proudhonistas franceses estavam tão atrasados, e ainda assim não teria sido certo excluí-los”.²⁰³ Se você criasse, tal como os possibilistas, “um partido sem programa, no qual todos possam entrar, então ele já não seria mais um partido”, argumenta. “Estar por um momento em uma minoria com um programa correto — no que diz respeito à organização — ainda é melhor do que ter um grande, mas quase nominal, semblante de adesão”.²⁰⁴

VI

A ideia de um partido trabalhista amplo, favorecida por Marx e Engels no caso da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América – e plenamente desenvolvida por Engels após a morte de seu amigo – quando um movimento operário espontâneo surgiu em ambos os países nas décadas de 1880 e 1890, pareceria ser exatamente ao que eles estavam se opondo na Alemanha e na França. Assim, escrevendo a **Florence Kelley Wischnewetzky** no final de 1886, Engels diz que nas próximas eleições americanas “um ou dois milhões de votos dos trabalhadores... para um partido *bona fide** de trabalhadores vale infinitamente mais no momento do que cem mil votos para um programa doutrinariamente perfeito”.²⁰⁵ Embora não tivesse ilusões sobre a defasagem teórica dos Cavaleiros do Trabalho† e de **Henry George**, cujo “estandarte” [“banner”] esse partido havia levantado,²⁰⁶ ele não achava que o momento tivesse chegado para fazer uma crítica completa a qualquer um deles. “Qualquer coisa que pudesse atrasar ou impedir a consolidação nacional do partido dos trabalhadores — não importa em qual plataforma — eu consideraria um grande erro”, explicou ele.²⁰⁷ Isso deveria acontecer por meio da “unificação dos vários corpos independentes em um único exército nacional de trabalhadores”,²⁰⁸ escreveu ele

mitados na época, foi muito além do que os Estatutos de 1866 da Internacional. (Ver o texto em *Engels-Lafargue Correspondence*, I, p. 108.)

²⁰³Engels a Bernstein, *ibid.*, p. 424.

²⁰⁴F. Engels a E. Bernstein, 28 de Novembro de 1882, em E. Bernstein, *Die Briefe von Friedrich Engels und Eduard Bernstein* (Berlim, 1925), pp. 102-3.

*Expressão latina que significa “de boa fé” ou “genuíno”, “autêntico”. [N.T.]

²⁰⁵F. Engels a F. K. Wischnewetzky, 28 de Dezembro de 1886, *Sel. Cor.* (Londres), p. 454. [F. Engels, *Carta a Florence Kelley Wischnewetzky (em Nova Iorque)*, 28 de Dezembro de 1886, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 540-542. Aqui segue-se um padrão já adotado na literatura de língua portuguesa de escrever Wischnewetzky com ‘z’, no inglês é mantido Wischnewetzky com ‘s’. N.T.]

†*Order of the Knights of Labor* (Ordem dos Cavaleiros do Trabalho): organização dos operários norte-americanos fundada em 1869 em Filadélfia; até 1878 teve o caráter de uma sociedade secreta. A Ordem agrupava principalmente operários não qualificados, incluindo negros; colocava-se como tarefa a criação de cooperativas e a organização da ajuda mútua. A direcção da Ordem era, de facto, contra a participação dos operários na luta política e defendia a colaboração de classes; em 1886 a direcção da Ordem opôs-se à greve nacional, proibindo os seus membros de participar nela; apesar disso, os membros da Ordem participaram na greve, depois do que a Ordem começou a perder influência entre as massas operárias, desagregando-se em fins da década de 90. (Notas de fim de tomo, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 571-608.) [N.T.]

²⁰⁶F. Engels a F. A. Sorge, 29 de Novembro de 1886, *ibid.*, p. 450. [F. Engels, *Carta a Friedrich Adolph Sorge*, 29 de Novembro de 1886, Biblioteca Marxista Virtual do Partido da Causa Operária. Essa tradução, no entanto, contém vários erros e até trechos omitidos; recomenda-se compará-la a sua **versão em inglês**. N.T.]

²⁰⁷Engels a Wischnewetzky, *ibid.*, p. 454. [F. Engels, *Carta a Florence Kelley Wischnewetzky (em Nova Iorque)*, 28 de Dezembro de 1886, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 540-542.]

²⁰⁸*L.A.*, p. 290.

em seu prefácio à edição americana de 1887 de sua obra *A Condição da Classe Trabalhadora na Inglaterra em 1844*. O objetivo deveria ser “a conquista do Capitólio e da Casa Branca”.²⁰⁹

Em uma série de artigos no *Labour Standard* em 1881, Engels havia instado o movimento trabalhista britânico a formar seu próprio “partido político dos trabalhadores”²¹⁰ e enviar seus próprios representantes para o parlamento.²¹¹ Com uma brilhante antecipação da forma de organização a ser adotada pelo Partido Trabalhista duas décadas depois,²¹² ele escreveu: “Ao lado de, ou acima dos sindicatos dos ofícios específicos, deve surgir um sindicato geral, uma organização política da classe trabalhadora como um todo”.²¹³ Quando o Partido Trabalhista Independente da Inglaterra [*Independent Labour Party (I.L.P.)*] foi formado em 1893, após a onda militante de 1888-89 e os primeiros sucessos dos candidatos trabalhistas independentes em 1892, Engels publicamente “instou todos os socialistas a se juntarem ao partido, acreditando que, se liderado com sabedoria, este acabaria absorvendo todas as outras organizações socialistas”.²¹⁴ Embora houvesse “todo tipo de gente esquisita” [“*funny people*”] entre os líderes do I.L.P., ele escreveu a Sorge nessa época: “as massas estão por trás deles e ou os ensinarão a se comportar ou os jogarão ao mar”²¹⁵ [“*throw them overboard*”]. O desenvolvimento do novo partido nos dois anos seguintes, no entanto, não atendeu às suas expectativas e no início de 1895 ele viu entre os operários britânicos “nada além de seitas e nenhum partido”.²¹⁶ Engels estava claramente julgando o novo partido não pelo critério de sua adesão à teoria do marxismo, mas pela medida em que ele era “nitidamente um partido operário” promovendo e refletindo o “movimento próprio das massas — não importa de que forma, contanto que seja apenas o movimento *delas próprias*”.²¹⁷

A discrepância na diferença de peso atribuídos à importância de uma compreensão teórica correta, ao caráter do programa partidário e à amplitude de seu apelo, tal como Engels (e Marx) a aplicaram em relação à Alemanha e à França, por um lado, e à Inglaterra e aos Estados Unidos, por outro, certamente indica duas concepções diferentes do partido proletário. No entanto, essas diferenças não são absolutas e não representam uma contradição inexplicável no pensamento dos fundadores do socialismo científico.²¹⁸ Pelo contrário, elas serão vistas como logicamente complementares se examinarmos sua aplicação, em cada caso, com base na explicação de Engels na carta para a Sra. Kelley Wischnewetzky citada acima, de que “nossa teoria não é um dogma, mas a exposição de um processo de evolução, e esse processo envolve fases em sucessão”.²¹⁹ A Grã-Bretanha e os EUA eram, naquele momento, países com classes operárias industriais numerosas

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 286.

²¹⁰ K. Marx / F. Engels, *On Britain* (Moscou, 1953), daqui por diante indicado como *On Britain* (1953), p. 481.

²¹¹ *Ibid.*, p. 477.

²¹² Ver, por exemplo, S. Bünger, *op. cit.*, p. 29.

²¹³ *On Britain* (1953), p. 477.

²¹⁴ *The Workman's Times*, 25 de Março de 1893.

²¹⁵ F. Engels a F. A. Sorge, 18 de Março de 1893, *L.A.*, p. 249.

²¹⁶ F. Engels a H. Schlüter, 1 de Janeiro de 1895, *On Britain* (1953), pp. 537-8.

²¹⁷ F. Engels a F. A. Sorge, 29 de Novembro de 1886, *Sel. Cor.* (Londres), p. 450. Itálico no original. [F. Engels, *Carta a Friedrich Adolph Sorge*, ver N.T. na nota 206.]

²¹⁸ Ver a discussão dessas diferenças como “um exemplo de dialética materialista” por V. I. Lenin, *Preface to Letters to Sorge*, em suas *Selected Works* (Moscou, 1939), XI, pp. 722-5, 732-3. [V. Lenin, *Prefácio à Tradução Russa do Livro «Cartas de J. P. Becker, J. Dietzgen, F. Engels, K. Marx e outros a F. A. Sorge e Outros»*, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Edições “Avante!” 1984, tomo I, pp 315-330.]

²¹⁹ *Sel. Cor.* (Londres), p. 453.

que tinham desenvolvido organizações industriais importantes e muitas vezes militantes, mas onde aqueles que haviam entendido qualquer coisa sobre o socialismo eram poucos além de um punhado [*“a tiny handful”*]. Aqui então havia uma analogia, como Engels apontou a Sorge, com o papel “desempenhado pela Liga Comunista entre as associações de operários antes de 1848” na Alemanha.²²⁰ E aqui, portanto, era perfeitamente consistente para ele recomendar aos marxistas americanos que “agissem da mesma forma que os socialistas europeus agiram em um momento em que eram apenas uma pequena minoria da classe trabalhadora”,²²¹ numa época em que o *Manifesto Comunista* indicava que os comunistas “não formam um partido separado, oposto a outros partidos da classe trabalhadora”.²²² Desde 1848, no entanto, a posição no continente avançara consideravelmente. A Alemanha de 1869 e, em menor grau, a França de 1880 haviam alcançado o estágio de ter partidos com raízes entre a classe trabalhadora com base em programas socialistas mais ou menos desenvolvidos, e qualquer tentativa de fusão com outras organizações ou de conquistar mais votos através da “adulteração” ou descarte de tais programas parecia representar para Marx e Engels um “passo decididamente retrógrado”.²²³ Mas para a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, onde os operários haviam sido politicamente ligados a partidos burgueses, qualquer movimento em direção a um partido amplo e unido de sua própria classe, mesmo que com uma base teórica ainda atrasada, representava um avanço, o “próximo grande passo a ser dado”.²²⁴

Foi o isolamento autoimposto dos principais corpos organizados de marxistas nos dois países que levou Engels a criticá-los por serem e agirem como nada além de seitas,²²⁵ os quais “forçaram a redução da teoria marxista do desenvolvimento em um dogma rígido”.²²⁶ Era essa, fundamentalmente, sua objeção a esse “sectarismo anglo-saxão”.²²⁷ E não o ressentimento em relação ao comportamento “sem tato algum” de Hyndman como responsável por Engels ter se dissociado da **Federação Social-Democrata da Inglaterra** [*Social Democratic Federation (S.D.F.)*] na Grã-Bretanha, assim como do **Partido Socialista Operário** [*Socialist Labour Party (S.L.P.)*] nos Estados Unidos — como o afirmam seccamente Cole e Postgate,²²⁸ e depois Carew Hunt.²²⁹ No entanto, Engels acreditava que essas organizações, tendo “aceitado nosso programa teórico e, assim, adquirido uma base”,²³⁰ desempenhariam um papel se trabalhassem entre a “massa ainda bem plástica” de operários sendo “um núcleo de pessoas que entendem o movimento e seus objetivos e, assim sendo, assumirão a liderança”²³¹ em uma fase posterior. A experiência havia mostrado que “é possível trabalhar com o movimento geral da classe trabalhadora em cada uma de suas fases sem abrir mão ou esconder nossa própria posição distinta ou

²²⁰ *Ibid.*, p. 450.

²²¹ *Prefácio* (1887), *L.A.*, p. 290.

²²² *Ibid.*, p. 291.

²²³ F. Engels, *Foreword* (1891) para *Critique of the Gotha Programme, S.W.*, II, p. 14. [F. Engels, **Prefácio a Crítica do Programa de Gotha, Obras Escolhidas** em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, p. 5.]

²²⁴ *L.A.*, p. 290.

²²⁵ Em relação a S.D.F., ver, por exemplo, *Interview with “Daily Chronicle”*, *op. cit.*, p. 397; sobre o S.L.P., ver, por exemplo, F. Engels a F. A. Sorge, 10 de Novembro de 1894, *L.A.*, p. 263.

²²⁶ F. Engels a F. A. Sorge, 12 de Maio de 1894, *On Britain* (1953), p. 536.

²²⁷ *L.A.*, p. 263.

²²⁸ G. D. H. Cole e R. Postgate, *The Common People 1746-1938* (Londres, 1938), p. 403.

²²⁹ R. N. Carew Hunt, *The Theory and Practice of Communism* (Londres, Penguin Ed., 1963), p. 147, e *Marxism Past and Present* (Londres, 1954), p. 157.

²³⁰ F. Engels a A. Bebel, 30 de Agosto de 1883, *On Britain* (1953), p. 516.

²³¹ *Sel. Cor.* (Londres), p. 450.

mesmo nossa organização”.²³² Os marxistas então teriam uma grande contribuição a dar para a emergência da “plataforma final”²³³ do movimento trabalhista em seus países, que “deve ser e será essencialmente igual àquela adotada agora por toda a classe trabalhadora militante da Europa”.²³⁴ Em tal fase, Engels certamente previu o vir-a-ser de um “novo partido” – com a mesma perícia de sua previsão mais de quatro décadas antes, de que surgiria da “união do socialismo com o cartismo, a reprodução do comunismo francês à maneira inglesa” através da fusão dos cartistas “teoricamente mais atrasados, menos desenvolvidos”, mas “genuinamente proletários”, com os socialistas “mais visionários”, para fazer da classe trabalhadora “a verdadeira liderança intelectual” de seu país.²³⁵

VII

Longe de “descartar a noção de partido... para retornar à noção de classe”,²³⁶ como afirma Sorel, Marx e Engels viam o partido como um *momento* no desenvolvimento do proletariado, sem o qual “não pode agir enquanto classe”. Para que a classe trabalhadora “seja forte o suficiente para vencer no dia decisivo”, escreve Engels a Trier em 1889, ela deve “formar um partido separado, distinto de todos os outros e oposto a estes, um partido consciente de classe”, acrescentando com certa simplificação que isso era o que “Marx e eu temos argumentado desde 1847”.²³⁷ Em 1865, em “A Questão Militar Prussiana e o Partido Operário Alemão”, discutida com Marx antes da publicação, Engels define o partido operário como “aquela parte da classe trabalhadora que atingiu a consciência dos interesses separados da classe”,²³⁸ e ao qual [ao partido] ele não está preparado para identificar, no panfleto, com a única organização dos trabalhadores alemães existente na época, a ADAV lassalleana. Quando às vezes falam de forma imprecisa do partido proletário como algo idêntico à classe como um todo,²³⁹ pareceria claro pelos contextos que estão se referindo sinodoicamente* à classe quando o que realmente querem dizer é sua “porção politicamente ativa”,²⁴⁰ a qual cada vez mais e mais parcelas da classe apoiarão à medida que esta “amadurece para sua autoemancipação”.²⁴¹

A consciência teórica e a *Selbsttätigkeit* (autoatividade espontânea) da classe traba-

²³² *Ibid.*, p. 455.

²³³ *L.A.*, p. 290.

²³⁴ *Ibid.*, p. 290.

²³⁵ F. Engels, *The Condition of the Working Class in England*, em *On Britain* (1953), p. 273. [F. Engels, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, Boitempo Editorial, 2011, 2ª edição, p. 271]

²³⁶ G. Sorel, *La décomposition du marxisme* (Paris, 1910), p. 51.

²³⁷ F. Engels a G. Trier, 18 de Dezembro de 1889, *Sel. Cor.* (Moscou), p. 492.

²³⁸ F. Engels, *Werke* (Berlim, 1962), 16, p. 68. (Ver também as pp. 66-78.) As implicações disso para o conceito de partido de Marx e Engels são discutidas no valioso ensaio de E. Ragionieri, “Il marxismo e la Prima Internazionale”, em *Critica Marxista*, III, 1 (Roma, 1965), especialmente nas pp. 127-8, 149-150. Ver também H. Hümmeler, *Opposition gegen Lassalle* (Berlim, 1963), p. 142.

²³⁹ Ver, e.g., K. Marx, “A Servile Government”, em *New York Daily Tribune*, 28 de Janeiro de 1853. Também *S.W.*, I, p. 556; *S.W.*, II, p. 291.

*Sinédoque: figura de linguagem, consiste na atribuição da parte pelo todo, ou do todo pela parte. [N.T.]

²⁴⁰ K. Marx, *The Chartists*, em T. B. Bottomore e M. Rubel, Ed., *Karl Marx: Selected Writings in Sociology and Social Philosophy* (Londres, Penguin Ed., 1963), p. 206. [K. Marx, *Os Cartistas*, em *Critica Marxista*, n.47, 2018, pp. 135-143.]

²⁴¹ F. Engels, *The Origin of the Family, Private Property and the State*, *S.W.*, II, p. 291. [F. Engels, *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, Editora Civilização Brasileira, 1984, 9ª edição, p. 195.]

lhadora estão presentes, como os elementos-chave na concepção do partido proletário, em todos os períodos do pensamento e atividade de Marx e Engels desde 1844, combinando-as em diferentes proporções em diferentes condições. Elas sempre representam fatores complementares na concepção marxista da evolução do proletariado à plena maturidade e *Selbstbewusstsein* (consciência), ao invés de expressar um “dualismo” no pensamento de Marx, como argumenta Maximilien Rubel, de Paris.²⁴² Rubel tenta ajustar a concepção de Marx sobre o partido ao leito de Procusto da teoria altamente discutível de que há em sua obra uma “ambiguidade fundamental” entre sua sociologia materialista e uma herdada ética utópica que serve como seu “postulado” para a revolução social.²⁴³ Com a ajuda de citações coletadas de forma totalmente a-histórica de uma ampla gama de escritos de Marx e Engels entre 1841 e 1895, ele busca distinguir “uma dupla concepção do partido proletário” nesses escritos, diferenciando entre “o conceito sociológico do partido operário, por um lado, e o conceito ético do partido comunista, por outro”.²⁴⁴ Karl Marx, afirma Rubel, “diferencia formalmente o partido operário do corpo (*conjunto*) [*ensemble*] de comunistas, cuja tarefa é de ordem teórica e educativa; os comunistas, assim, de modo algum são chamados a funções propriamente políticas”.²⁴⁵ Sendo “uma forma de representação não institucionalizada que representa o movimento proletário, no sentido ‘histórico’ do termo”, este último [o movimento] “não pode se identificar com uma organização real sujeita às restrições da alienação política”²⁴⁶ e “obedecendo a regras e estatutos formalmente estabelecidos”.²⁴⁷ O movimento de classe do proletariado, diz Rubel, não pode ser identificado com a agitação política dos partidos. “Pelo contrário”, ele continua, “ele [o movimento] é representado pelos sindicatos, se estes entenderem seu papel revolucionário e o cumprirem fielmente”.²⁴⁸ (Esta última afirmação, empenhando-se a apresentar Marx e Engels como sindicalistas, ignora completamente *inter alia* [entre outras coisas - latim] a rejeição de Marx e Engels, antes do Congresso de Eisenach, justamente a tal argumentação de Johann Philip Becker.²⁴⁹ “O velho Becker deve ter tombado da cadeira”*, escreveu Engels a Marx na época. “Como ele pode decretar que *o sindicato tem que ser* a verdadeira associação dos trabalhadores e a base de toda organização?”)²⁵⁰

O *Manifesto do Partido Comunista* – do qual Rubel faz citações – assim como toda a história do trabalho partidário de seus autores, da qual nos baseamos, mostra de forma absolutamente clara e explícita que eles viam os comunistas utilizando sua previsão teórica – que para Rubel é algum tipo de qualidade ética transcendental distante da corrompedora

²⁴²M. Rubel, “Introduction à l’Éthique Marxienne”, em K. Marx, *Pages Choisies pour une Éthique Socialiste* (Paris, 1948), p. xxix.

²⁴³*Revue française de Sociologie*, op. cit., p. 168; M. Rubel, *Karl Marx: Essai de Biographie Intellectuelle* (Paris, 1957), p. 250; M. Rubel, “De Marx au bolchévisme: partis et conseils”, em *Arguments* (Paris, 1962), No. 25-26, p. 33; M. Rubel, “Mise au Point non Dialectique”, em *Les Temps Modernes* (Paris, Dezembro de 1957), No. 142, p. 1138. Lucien Goldmann faz uma crítica mordaz às opiniões de Rubel em sua *Recherches Dialectiques* (Paris, 1959), pp. 280-301, à qual o último artigo mencionado de Rubel foi uma resposta.

²⁴⁴*R. franc. Sociol.*, op. cit., p. 175.

²⁴⁵Rubel, *Karl Marx: Biographie*, op. cit., p. 288.

²⁴⁶*R. franc. Sociol.*, op. cit., p. 174.

²⁴⁷*Ibid.*, p. 176.

²⁴⁸*Introduction à l’Éthique Marxienne*, op. cit., p. xlvii.

²⁴⁹Resolução do Comitê Central do grupo de língua alemã da I. W. M. A. [Associação Internacional dos Trabalhadores, a 1ª Internacional], assinada por Joh. Ph. Becker, em *Der Vorbote* (Genebra), Julho de 1869, pp. 103-5.

*“*Old Becker must have gone right off his rocker*”. [N.T.]

²⁵⁰F. Engels a K. Marx, 30 de Julho de 1869, *Werke*, 32, p. 353. Itálico no original.

luta política – precisamente para *agir politicamente* para “impulsionar” [“*push forward*”] e prover liderança nas lutas políticas de seu tempo.²⁵¹ Além disso, o *Manifesto* foi publicado como o programa da Liga Comunista, uma organização política “obedecendo a regras e estatutos formalmente estabelecidos”!²⁵²

Somente em períodos mais excepcionais e temporários os comunistas atuaram fora de uma “organização real”, embora essa organização nem sempre precisasse ser um Partido Comunista — como no caso da Primeira Internacional. Este último se diferenciava de “outros partidos da classe trabalhadora”²⁵³ pelo fato de ter um programa comunista e ser orientado pela teoria comunista. No entanto, acreditando que os trabalhadores, “a partir do seu próprio sentimento de classe”, “se elevariam” [“*work their way up*”] a uma aceitação da teoria marxista²⁵⁴ com a ajuda daqueles “cuja mente é teoricamente clara” a fim de encurtar consideravelmente o processo.²⁵⁵ Marx e Engels pensavam que, cedo ou tarde, muitos desses outros partidos ou adotariam programas comunistas ou seriam absorvidos por outros que os tivessem adotado. A crença deles nisto foi fortalecida no final de suas vidas pelo exemplo da Social-Democracia Alemã, que estava se desenvolvendo no tipo de partido de massas essencialmente comunista, para o qual acreditavam que outros partidos operários acabariam avançando a partir de seus diferentes pontos de partida e nas suas próprias formas nacionais. Eles viam tal partido proletário totalmente desenvolvido representando a fusão da teoria socialista não apenas com um punhado de trabalhadores avançados como na Liga Comunista, mas [a fusão] com grandes e crescentes seções da classe trabalhadora.

Marx e Engels viam a mais plena democracia interna possível como uma característica essencial de um partido proletário. Perturbado pelas expulsões de líderes de esquerda do Partido Socialista Dinamarquês que faziam oposição à liderança deste, Engels escreveu a Trier na carta citada acima: “O movimento operário é baseado na mais afiada crítica da sociedade existente; a crítica é seu elemento vital; como então ele próprio pode evitar a crítica, tentar proibir as controvérsias? É possível exigir dos outros liberdade de expressão para nós mesmos, apenas para eliminá-la novamente nas nossas próprias fileiras?”²⁵⁶ Em 1890, quando a liderança do Partido Alemão reagiu de forma arbitrária [*high-handed*] à oposição dos chamados *Jungen* (com os quais Engels discordava politicamente), expressa através de quatro jornais social-democratas que controlavam, ele escreveu a Sorge: “O Partido é tão grande que a liberdade absoluta de debate dentro dele é uma necessidade... O maior partido do país não pode existir sem que todas as nuances de opinião nele se façam

²⁵¹ *S.W.*, I, p. 44. Ver e.g. *The Demands of the Communist Party in Germany*, em D. Riazanov, Ed., *Manifesto*, pp. 345-7, escrito por Marx e Engels no início da Revolução de 1848 como um programa de exigências imediatas pelas quais os membros da Liga Comunista deveriam fazer campanha politicamente.

²⁵² Ver *Rules and Constitution of the Communist League*, *op. cit.*, pp. 340-345.

²⁵³ *Manifesto*, *S.W.*, I, p. 44. Minha ênfase. [*Manifesto Comunista*, Boitempo Editorial, 1ª edição revista, p. 51.]

²⁵⁴ F. Engels a F. A. Sorge, 12 de Maio de 1894, *Briefe und Auszüge*, p. 412. A tradução deste trecho, cuja formulação tem considerável significado para a compreensão da concepção de Marx e Engels sobre as fontes da consciência revolucionária, não é inteiramente satisfatória nem em *On Britain* (1953), p. 536, nem em *L.A.*, p. 263.

²⁵⁵ F. Engels a F. A. Sorge, 29 de Novembro de 1886, *Sel. Cor.* (Londres), p. 451. [F. Engels, *Carta a Friedrich Adolph Sorge*, ver N.T. na nota 206.]

²⁵⁶ F. Engels a G. Trier, 18 de Dezembro de 1889, K. Marx/F. Engels, *Sochineniya* (Moscou, 1965), 37, p. 276. Até onde sei, essa parte da carta, publicada pela primeira vez em russo em 1932, nunca foi publicada nem em seu original alemão nem em inglês. (No momento da publicação, a *Werke* só chegou ao Volume 34, que traz a correspondência de Marx e Engels com terceiros até o final de 1880.)

sentir plenamente”.²⁵⁷ Para Engels, essa democracia interna, diversidade e debate não contradiziam a Social-Democracia Alemã, mas eram exigidos pela sua existência “como o partido socialista mais forte, melhor disciplinado e de crescimento mais rápido”.²⁵⁸ Assim como, de forma oposta, em determinado momento da história da Primeira Internacional, ele e Marx haviam visto um Conselho Geral forte – com poderes disciplinares para usar em casos excepcionais – como uma condição para seu funcionamento democrático.

O famoso princípio de Marx de que “a emancipação das classes trabalhadoras deve ser conquistada pelas próprias classes trabalhadoras”,^{258a} sobre o qual ele e Engels insistiram repetidamente, é complementado – e não contradito – pelo conceito de partido deles. “O Partido Operário Social-Democrata da Alemanha, *justamente porque é* um partido *dos trabalhadores*, necessariamente persegue uma ‘política de classe’, a política da classe trabalhadora”, escreveu Engels em 1873 em *Para a Questão da Habitação*. “Visto que cada partido político se propõe a estabelecer seu domínio no Estado, o Partido Operário Social-Democrata da Alemanha necessariamente busca estabelecer *o seu* domínio, o domínio da classe trabalhadora, daí a ‘dominação de classe’”.²⁵⁹ A organização do proletariado *em seu próprio* partido foi a “condição primária” da luta da classe trabalhadora e “a ditadura do proletariado... o objetivo imediato”.²⁶⁰ Marx e Engels nunca foram além disso ao discutir a relação do partido proletário com a sua concepção de ditadura proletária,²⁶¹ a qual viam como representando um “período de transição política” entre o capitalismo e o Comunismo.²⁶² Não há nada na obra deles que justifique a tentativa de Stalin de apresentar como marxista sua teoria de que o socialismo exige um sistema de partido único,²⁶³ e em último lugar na forma como foi operada por ele, onde uma pequena clique

²⁵⁷F. Engels a F. A. Sorge, 9 de Agosto de 1890, *Briefe und Auszüge*, pp. 343-4. cf. também as cartas de Engels sobre o mesmo tema para W. Liebknecht, 10 de Agosto de 1890 (*W. Liebknecht, Briefwechsel mit Karl Marx und Friedrich Engels*, Haia, 1963, pp. 375-6), para K. Kautsky de 3 de Fevereiro, 11 de Fevereiro e 23 de Fevereiro de 1891 [F. Engels, *Carta a Karl Kautsky*, 23 de Fevereiro de 1891, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, 4 de Setembro de 1892 (*Friedrich Engels’ Briefwechsel mit Karl Kautsky*, Viena, 1955, pp. 272, 278, 283, 363), e para A. Bebel, 1(-2) de Maio de 1891 (*Briefe an Bebel, op. cit.*, pp. 177-8). Também a condenação sua e de Marx em 1873 da “unidade de pensamento e ação” (um princípio inscrito no programa da Organização Revolucionária dos **Irmãos Internacionalistas de Bakunin**) como uma concepção jesuíta significando “nada mais que ortodoxia e obediência cega”. (*L’Alliance de la Démocratie Socialiste et l’Internationale*, em *La Première Internationale*, *op. cit.*, II, p. 393.)

²⁵⁸F. Engels, *Introduction* (1895) para K. Marx, *The Class Struggles in France, 1848-1850*, *S.W.*, I, p. 118. [F. Engels, *Introdução de Friedrich Engels à edição de 1895* para K. Marx, *As lutas de classes na França - de 1848 a 1850*, em *A revolução antes da revolução*, v.2, 2ª edição, Editora Expressão Popular, 2010, p. 51]

^{258a}K. Marx, *General Rules of the I.W.M.A.*, *S.W.*, I, p. 350.

²⁵⁹F. Engels, *The Housing Question*, *S.W.*, I, p. 556. Itálico no original. [F. Engels, *Sobre a questão da moradia*, Boitempo Editorial, 2015, 1ª edição, pp. 114-115.]

²⁶⁰*Ibid.*, p. 556.

²⁶¹Sobre a natureza fundamentalmente anti-autoritária e anti-burocrática da concepção de Marx sobre essa “ditadura”, ver R. Miliband, “Marx and the State”, em *Socialist Register—1965* (Londres), pp. 289-293. Ver também H. Draper, “Marx and the Dictatorship of the Proletariat”, em *Cahiers de l’Institut de Science Économique Appliquée*, Série S, *Etudes de Marxologie*, No. 6 (Paris, 1962), pp. 5-73, onde o autor reproduz os principais *loci* de Marx e Engels sobre essa questão.

²⁶²K. Marx, *Crítica de the Gotha Programme*, *S.W.*, II, p. 30. [K. Marx, *Crítica do Programa de Gotha*, Boitempo Editorial, 2012, 1ª edição, p. 43]

²⁶³J. V. Stalin, Entrevista com Roy Howard, em *The Communist International* (Londres), março-abril, 1936, p. 14. “Onde várias classes não existem”, argumenta Stalin, “não pode haver vários partidos, já que (um) partido é parte de (uma) classe.” [“Where several classes do not exist,... there cannot be several parties, since (a) party is part of (a) class.”] Marx e Engels nunca tiveram uma visão tão simplista sobre a base de classe dos partidos. Enquanto Engels descrevia os partidos como “a expressão política mais

tirânica se substituiu à classe trabalhadora no lançar de alguns dos alicerces do socialismo. Pelo contrário, a crítica de Engels a **Blanqui** é dirigida precisamente contra um regime como tal. “Da concepção de Blanqui de toda revolução como o *coup de main** de uma pequena minoria revolucionária”, escreveu em 1874, “decorre por si só a necessidade de uma ditadura após seu sucesso: a ditadura, claro, não da classe revolucionária inteira, o proletariado, mas do pequeno número daqueles que realizaram o golpe [*coup*] e que já estão previamente organizados sob a ditadura de um ou poucos indivíduos”.²⁶⁴ Certamente, a Comuna de Paris – descrita por Marx como “a conquista do poder político das classes trabalhadoras”²⁶⁵ e Engels como “a ditadura do proletariado”²⁶⁶ (pelo que ele queria dizer a mesma coisa) – não era um Estado de partido único²⁶⁷ e baseava-se na eleição de todos os funcionários por sufrágio universal²⁶⁸ e em medidas para “se proteger contra seus próprios deputados e funcionários, declarando-os todos, sem exceção, sujeitos à revogação a qualquer momento”.²⁶⁹

O falecido Sr. Carew Hunt, em seu livro *Marxismo: Passado e Presente*, está em um terreno particularmente frágil quando baseia sua recolocação do argumento desgastado

ou menos adequada dessas... classes e frações de classes” [“*the more or less adequate political expression of... classes and fractions of classes*”] (*Introduction a The Class Struggles in France, S.W., I, p. 110*) [F. Engels, *Introdução de Friedrich Engels à edição de 1895 para K. Marx, As lutas de classes na França - de 1848 a 1850*, em *A revolução antes da revolução*, v.2, 2ª edição, Editora Expressão Popular, 2010, p. 38], ele observava que, devido ao desenvolvimento político desigual da classe trabalhadora, “a ‘solidariedade do proletariado’ é em todos os lugares realizada em diferentes agrupamentos partidários com rixas de vida e morte entre si.” (F. Engels para A. Bebel, 20 de Junho de 1873, *Sel. Cor.*, Londres, p. 327.) [F. Engels, *Carta a August Bebel (em Hubertusburg)*, 20 de Junho de 1873, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 468-471.] Além disso, Marx via exclusivamente como “fatores ideológicos” a *raison d’être* [razão de ser] da facção republicana da burguesia, por exemplo, que em 1848 se opunha ao Partido da Ordem representando a seção monarquista dessa classe (*Eighteenth Brumaire, S.W., I, p. 234*) [K Marx, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, em *A revolução antes da revolução*, v.2, 2ª edição, Editora Expressão Popular, 2010, pp. 302-303.]; assim como Engels, quarenta anos depois, viu o particularismo regional anti-prussiano das áreas católicas como a base para o então crescente Partido de Centro Alemão, composto por uma mistura de elementos de classe. (F. Engels, *What Next?, Werke*, 22, p. 8.)

*Golpe decisivo, assalto. [N.T.]

²⁶⁴F. Engels, *Programme of the Blanquist Commune Refugees, Werke*, 18, p. 529. [F. Engels, *Programa dos Refugiados Blanquistas da Comuna*, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo II, pp. 411-418.]

²⁶⁵Discurso de K. Marx no jantar para os delegados da Conferência de Londres da I.W.M.A. em Molnar, *op. cit.*, p. 238.

²⁶⁶F. Engels, *Introduction* (1891) para K. Marx, *The Civil War in France, S.W., I, p. 440*. [F. Engels, *Introdução de Friedrich Engels à edição de 1891 para K. Marx, A Guerra Civil na França*, em *A revolução antes da revolução*, v.2, 2ª edição, Editora Expressão Popular, 2010, p. 355.]

²⁶⁷Membros da Comuna estavam divididos em uma maioria blanquista e uma minoria principalmente proudhonista de membros da Internacional. (Ver Engels, *op. cit.*, p. 436.) Vários grupos políticos, incluindo o de classe média *Union Républicaine*, funcionaram livremente. No entanto, após a experiência da Comuna, é significativo que Marx e Engels tenham enfatizado mais do que nunca a necessidade de partidos independentes da classe trabalhadora para dar a liderança e direção conscientes que estavam ausentes em Paris. Nesse sentido, deve-se ter em mente, como Engels escreveu a Bernstein em 1º de janeiro de 1884, que na *Guerra Civil na França* de Marx, “as tendências *inconscientes* da Comuna foram registradas como planos mais ou menos conscientes.” [“*the unconscious tendencies of the Commune were put down to its credit as more or less conscious plans.*”] (*Sel. Cor.*, Moscou, p. 440. Itálico no original.)

²⁶⁸K. Marx, *The Civil War in France*, daqui em diante *Civil War, S.W., I, p. 471*. [K. Marx, *A Guerra Civil na França*, em *A revolução antes da revolução*, v.2, 2ª edição, Editora Expressão Popular, 2010, p. 402.]

²⁶⁹F. Engels, *Introduction* (1891), *ibid.*, p. 438. [F. Engels, *Introdução de Friedrich Engels à edição de 1891 para A Guerra Civil na França*, em *A revolução antes da revolução*, v.2, 2ª edição, Editora Expressão Popular, 2010, pp. 352.]

de que o sistema de partido único estava “embutido na doutrina da ditadura de Marx” na afirmação de que “é inconcebível que Marx, que iria até às últimas consequências para esmagar um oponente socialista”, permitiria que adversários “se organizassem politicamente para derrotar os objetos pelos quais a revolução fora realizada”.²⁷⁰ O principal exemplo que Carew Hunt obviamente tem em mente é o de Bakunin e seus apoiadores, sobre os quais E. H. Carr escreve: “O cavalo de madeira havia entrado na cidadela troiana”.²⁷¹ Em uma carta a Bolte em 1873, Marx escreveu: “Em *aberta oposição* à Internacional, essas pessoas não fazem mal algum, mas são úteis; mas enquanto elementos hostis *dentro* dela, arruinam o movimento em todos os países onde conseguiram estabelecer-se”.²⁷² Ele e Engels rejeitaram o argumento dos bakuninistas de que a Internacional – forçada a atender às necessidades da luta diária contra o capitalismo – poderia ser organizada para se aproximar o máximo possível de uma futura sociedade libertária.²⁷³ Embora Marx e Engels certamente tivessem tomado medidas autoritárias excepcionais contra opositores reacionários em situação de uma guerra civil ou em uma “rebelião pró-escravidão”,²⁷⁴ não há fundamentos para argumentar que eles teriam favorecido a supressão da oposição política e do dissenso como uma característica normal da ditadura do proletariado.

O papel do partido proletário é circunscrito pela própria concepção de dialética e desenvolvimento histórico apresentada por Marx e Engels. Nascido em um momento específico da vida da classe trabalhadora, evoluindo em etapas de acordo com os diferentes estágios do desenvolvimento dessa classe em diferentes países e períodos e, por sua vez, reagindo e acelerando esse desenvolvimento, seu sucesso em ajudar a estabelecer o poder da classe trabalhadora colocaria as bases para seu próprio desaparecimento. O poder da classe trabalhadora – ao elevar a consciência das camadas mais amplas da população por meio de uma grande expansão educacional,²⁷⁵ ao estabelecer “instituições realmente democráticas”²⁷⁶ que permitiriam “o povo agir por si mesmo e para si mesmo”²⁷⁷ – poderia gradualmente fechar a lacuna entre um crescente “núcleo educado e treinado” de centenas de milhares²⁷⁸ no partido e o resto da classe, removendo a *raison d’être* [razão de ser] daquele concebido como um escalão separado. Finalmente, embora Marx não tivesse ilusões de que isso aconteceria rapidamente,²⁷⁹ as medidas econômicas tomadas pelo proletariado no poder acabariam com seu domínio ao abolir sua existência como classe e, com isso,

²⁷⁰R. N. Carew Hunt, *Marxism, op. cit.*, p. 155.

²⁷¹E. H. Carr, *Michael Bakunin* (Londres, 1937), p. 360.

²⁷²K. Marx para F. Bolte, 12 de Fevereiro de 1873, *Werke* (Berlim, 1966), 33, p. 566. Itálico no original, cf. também a Circular de Marx e Engels, 1879, sobre o “direito” dos “representantes da pequena burguesia” de formar seu próprio partido independente fora do Partido Operário Social-Democrata da Alemanha. (*Sel. Cor.*, Londres, p. 376.)[K. Marx/F. Engels, *Carta Circular a A. Bebel, W. Liebknecht, W. Bracke e Outros*, 17-18 de Setembro de 1879, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial “Avante!”, tomo III, pp. 96-103.]

²⁷³Ver e.g. F. Engels, *The Sonvillier Congress, Werke* (Berlim, 1962), 17, p. 477.

²⁷⁴F. Engels, *Preface* (1886) para *Capital*, Vol. I (Londres, 1938), p. xiv. [F. Engels, *Prefácio da edição inglesa* (1886) para K. Marx, *O Capital*, Boitempo Editorial, 2013, Vol. I, 1ª edição, p. 104.]

²⁷⁵*Civil War, S. W.*, I, p. 471. [K. Marx, *A Guerra Civil na França*, em *A revolução antes da revolução*, v.2, 2ª edição, Editora Expressão Popular, 2010, p. 404.]

²⁷⁶*Ibid.*, p. 473.

²⁷⁷Primeiro rascunho de *Civil War*, em *Arkhiv Marksa i Engel’sa*, III (VIII)(Moscou, 1934), p. 208.

²⁷⁸F. Engels a J. P. Becker, 1º de Abril de 1880, *Werke* (Berlim, 1966), 34, p. 441. (A tradução em *Sel. Cor.*, Londres, p. 381, é imprecisa.)

²⁷⁹K. Marx, *Notes on Bakunin’s “Statism and Anarchy”*, *Werke*, 18, p. 636. [K. Marx, *Resumo crítico de Estatismo e Anarquia de Mikhail Bakunin (1874)*, em *Crítica do Programa de Gotha*, Boitempo Editorial, 2012, 1ª edição, p. 111.]

a existência do Estado “no sentido político atual”.²⁸⁰ Na “associação que excluirá as classes e seus antagonismos”,²⁸¹ para a qual Marx acreditava que a ditadura transitória da classe trabalhadora daria lugar, a existência contínua de um partido proletário seria claramente um anacronismo.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 634.

²⁸¹ *The Poverty of Philosophy, op. cit.*, p. 197. [K. Marx, *A Miséria da Filosofia*, Global Editora, 1985, p. 160.]